

## INTRODUÇÃO GERAL

A modernidade representa uma grande revolução epocal na história da humanidade. Com ela acontece uma profunda transformação na maneira de se conceber o mundo e o próprio ser humano. O mundo passa a ser compreendido como uma realidade autônoma regida por uma legalidade intrínseca e o ser humano torna-se o protagonista consciente de sua própria história e de sua realização. A autonomia das realidades criadas se transforma no valor maior e mais característico dessa nova época.

Um dado histórico assumido hoje com consciência é o de que o cristianismo nem sempre soube se “inculturar” à modernidade. A história nos mostra que o cristianismo, de modo particular representado pela Igreja Católica, manteve desde o século XV até o Concílio Vaticano II, uma postura de fechamento a tudo o que estava fazendo gestar a modernidade. Uma teologia que não levou em conta o paradigma moderno e a postura intransigente da cristandade medieval levaram o cristianismo à uma rejeição por ser considerado oposição às mudanças suscitadas pela modernidade. Por isso mesmo, o cristianismo foi sendo esteriotipado como opressão, alienação e obstáculo ao crescimento e ao amadurecimento da humanidade.

Deus, o símbolo maior do cristianismo, devido essa postura anti-moderna da cristandade e devido a uma teologia pouco fiel à experiência fundante da fé cristã, se tornou também, assim como todo o cristianismo, alvo de duras críticas e rejeições desde o início da modernidade. Muitos pensadores modernos, críticos do regime de cristandade, chegaram a conclusão de que Deus atrapalha a realização do ser humano, pois, para estes, a idéia de Deus, limita o protagonismo humano na construção de sua própria história. Desde o início da modernidade, no século XV, Deus foi sendo criticado e rejeitado por impedir, através do discurso religioso, a realização social (Marx), psicológica (Freud), vital (Nietzsche), livre (Sartre) e moral (Merleau-Ponty) do ser humano. O que aconteceu de fato é que Deus foi sendo percebido, cada vez com mais intensidade, como o grande obstáculo à afirmação da autonomia humana.

Entre o valor primordial da época moderna que é a autonomia das realidades criadas, inclusive do ser humano, e a idéia de Deus, utilizada para legitimar o poder

tutelar e intransigente da Igreja sobre a sociedade e a vida dos cristãos, o valor da autonomia foi o escolhido. Para se afirmar a autonomia, sobretudo enquanto liberdade humana, a idéia de Deus foi sendo rejeitada dando origem ao ateísmo. O ateísmo é um fenômeno peculiarmente moderno. É na modernidade que a existência de Deus é negada sistematicamente. Antes do Iluminismo, podemos dizer, não havia ateísmo. Havia sim pessoas críticas em face da religião, inclusive pessoas “irreligiosas”, mas não haviam pessoas que negavam a existência de Deus. Até mesmo Epicuro (341-270 a.C.) e Lucrécio (99-55 a.C.), considerados os “pais” do ateísmo, davam por suposta a existência de Deus ou dos deuses. É somente na modernidade que surgem pessoas que começam a apoiar suas vidas sobre a negação de Deus. E isso porque a idéia de Deus entra em choque com o valor moderno da autonomia.

O ateísmo, mesmo diante daquilo que os sociólogos chamam de “retorno do sagrado”, não deixa de ser um fenômeno crescente. Muitas pessoas, sobretudo na Europa, mas aqui também na América Latina, rejeitam a Deus, não somente por causa do secularismo, mas porque o concebem como inimigo que obstaculiza a realização humana. Isso faz do ateísmo um fenômeno preocupante que precisa ser assumido como um dos maiores problemas para o cristianismo, mas não no sentido de ser combatido ferozmente como um “demônio” ameaçador. O cristianismo é convidado a dialogar respeitosamente com o ateísmo, pois é somente desta maneira que se pode superar os mal-entendidos envolvendo a Deus. O diálogo fraterno com os ateus pode possibilitar aos cristãos depurarem a sua fé das deturpações que impedem os não-cristãos de compreenderem Deus e o cristianismo como aquilo que ambos são essencialmente, afirmação do ser humano.

A tarefa da teologia cristã é imprescindivelmente a de colaborar para a realização do diálogo entre cristianismo e ateísmo. Para isso é de necessidade prima que a teologia leve a sério o paradigma moderno empreendendo a reconstituição de suas coordenadas gerais, repensando todos e cada um de seus grandes problemas à luz da nossa nova situação epocal. Isso significa, em outras palavras, que a teologia deve procurar traduzir com fidelidade a experiência fundante da fé cristã no contexto da modernidade. A tarefa crucial da teologia, para contribuir para o diálogo entre o

cristianismo e o ateísmo, seria, em suma, a de estabelecer um diálogo entre a fé cristã e a cultura moderna.

O diálogo entre a fé cristã e a cultura moderna é a chave para a teologia e toda religião cristã romper o grande mal-entendido, formulado na modernidade, de que Deus é um obstáculo à realização humana. A teologia, ao contrário de se continuar dando força a conceitos e concepções que distorcem a imagem de Deus, é interpelada a traduzir no contexto da modernidade, através do pensamento moderno, toda riqueza humanizante da experiência e da revelação que Jesus nos faz de Deus. E o Deus que Jesus revela não tem nada de oposição à pessoa humana, muito pelo contrário, o Deus de Jesus é afirmação da liberdade e da vida humanas. Por sua vez, a religião cristã, sobretudo em sua configuração social, tem que traduzir em ações concretas aquilo que a teologia afirma a respeito de Deus. O cristianismo é interpelado a realizar aquilo que faz parte de sua essência: transmitir a boa-nova da salvação, isto é, promover a vida e a dignidade humanas em todos os sentidos e em todos os âmbitos.

O objetivo primário desta dissertação consiste em dialogar com o ateísmo com o auxílio de uma reflexão teológica coerente que busca levar em conta os questionamentos da modernidade, a fim de responder algumas de suas acusações à fé cristã. O título desta dissertação traduz a nossa intenção: “Deus e o ser humano: rivalidade ou companheirismo?”. Neste título formulamos uma pergunta que pode ter duas respostas, uma que afirma a oposição de Deus ao ser humano e outra que afirma que entre Deus e o ser humano existe uma relação humanizante. A pergunta formulada pelo título desta tese revela que duas compreensões a respeito da relação Deus e ser humano serão trabalhadas. E é realmente essa a nossa intenção. Objetivamos apresentar a compreensão atéia de que Deus é adversário da pessoa humana contrapondo-a com a compreensão da fé cristã, fundamentada na experiência e na revelação que Jesus nos faz de Deus como amor e ternura infinita. Entretanto, não pretendemos de forma alguma defender cegamente a visão cristã. Queremos com todo respeito perceber o que fundamenta a compreensão atéia e, com o auxílio de uma teologia que busca ser fiel ao Deus de Jesus, mostrar que tal visão é equivocada – é um mal-entendido – porque a relação estabelecida entre Deus e Jesus foi de respeito, afirmação e companheirismo.

Não vamos, porém, trabalhar de forma ampla a compreensão atéia da relação entre Deus e ser humano, ou seja, não vamos trabalhar a visão de muitos pensadores ateus. Delimitaremos o nosso estudo à visão atéia de José Saramago. De modo mais específico, tencionamos estudar a relação entre Deus e ser humano numa obra deste escritor português, ganhador do Prêmio Nobel de literatura em 1998, o romance intitulado “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”.

Escolhemos esse romance porque ele é a expressão mais contundente do ateísmo de José Saramago. Nele, esse escritor cria uma imagem de Deus que coloca sob suspeita toda a fé cristã. Deus é apresentado, por ele, como aquele que se preocupa somente com os seus interesses em detrimento dos interesses humanos. Além disso, escolhemos esse romance porque ele representa os questionamentos que o homem moderno levanta a fé cristã sobre Deus.

Nos motivou também estudar esse romance o fato de que a teologia não pode ficar fechada em si mesma como se fosse um gueto. A interdisciplinaridade é fundamental para a teologia poder se enriquecer. Neste nosso caso, o fato de estudar essa obra literária nos ajuda a perceber que a teologia tem uma grande missão, a saber, a de afirmar o Deus de Jesus evitando todas as deturpações contidas na própria teologia.

Entretanto, deixamos bem claro que não pretendemos fazer nenhuma análise literária dessa obra. Queremos apenas destacar a relação entre Deus e o ser humano presente nesse romance e tecer uma crítica teológica. A nossa intenção é meramente teológica e não literária.

Para que possamos realizar a crítica teológica à compreensão atéia de José Saramago sobre a relação entre Deus e o ser humano em seu romance nos apoiaremos na teologia de Andrés Torres Queiruga.

Escolhemos Andrés Torres Queiruga, teólogo galego e também professor de filosofia da religião, porque sua reflexão teológica se situa na fronteira entre a fé e a cultura. Sua preocupação é a de apresentar o verdadeiro rosto de Deus levando em conta as exigências do paradigma moderno. Queiruga procura romper o mal-entendido da modernidade que afirma Deus como rival do ser humano. O centro de sua teologia é a intuição de Deus como “puro amor e salvação”. Para ele, Deus não

deseja outra coisa que não seja a realização da pessoa humana, pois sendo amor e salvação, dele somente podemos esperar manifestação de ternura, solidariedade e a própria salvação. O fundamento dessa sua intuição é a pessoa de Jesus e a sua experiência de Deus.

Para realizarmos o nosso objetivo, que é o de apresentar a concepção atéia de José Saramago a respeito da relação entre Deus e o ser humano e mostrá-la como equivocada com o auxílio da teologia de Queiruga, dividiremos este nosso estudo em três capítulos.

No primeiro capítulo buscaremos apresentar, sem emitir juízo teológico algum, a relação entre Deus e Jesus subjacente em “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”. Adiantamos desde já, que essa relação postulada por José Saramago é uma relação de rivalidade, na qual Deus desumaniza o homem Jesus. No fundo a relação é uma não-relação.

No segundo capítulo apresentaremos a idéia de que Deus é afirmação plena do ser humano tal como Queiruga desenvolve em sua reflexão teológica. Juntamente com esse teólogo tentaremos perceber que Deus que não está em oposição aos interesses do ser humano, pois ele nos “cria por amor” e é solidário conosco na luta contra o mal e o sofrimento.

No terceiro capítulo objetivamos analisar criticamente, mas sem cair numa defesa intransigente da fé cristã, a relação entre Deus e o homem Jesus postulada por José Saramago em “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”. Essa análise crítico-teológica terá como base a teologia de Queiruga. Aqui poderemos ver que a concepção de José Saramago de que Deus é obstáculo à realização humana não passa de um mal-entendido, pois o Deus revelado por Jesus favorece o crescimento do ser humano na humanidade autêntica.

A nossa metodologia assumida nesta dissertação é simples: no primeiro capítulo apenas destacaremos, sem qualquer pronunciamento crítico, o que ao longo de “O Evangelho Segundo Jesus Cristo” José Saramago apresenta sobre a relação entre Deus e Jesus (ser humano). No segundo capítulo concentraremos atenção somente na explicitação que Queiruga faz em vários de seus escritos da idéia de que Deus é afirmação do ser humano. Não teceremos a Queiruga crítica alguma. Apenas

apresentaremos seu pensamento. No terceiro capítulo, analisaremos criticamente a compreensão de José Saramago à luz da teologia de Queiruga. Aqui assumiremos a metodologia de uma teologia crítica.

Queremos ainda deixar claro que nosso trabalho é uma dissertação na área da antropologia teológica. Mesmo tocando assuntos de cristologia e de teologia (enquanto discurso sobre Deus), nosso estudo se centra no problema da relação entre Deus e o ser humano.

# **CAPÍTULO I**

## **O DEUS DESUMANO E O SER HUMANO DESUMANIZADO DE JOSÉ SARAMAGO**

### **Introdução**

Neste primeiro capítulo de nossa dissertação objetivamos apresentar, sem tecer qualquer juízo de valor teológico, a relação estabelecida entre Jesus e Deus no romance “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”. Não pretendemos enveredar pelas questões literárias e nem mesmo pela crítica teológica. Não queremos, neste primeiro momento, fazer uma leitura teológica da obra. O nosso interesse é o de mostrar como José Saramago concebe a relação entre Deus e o homem Jesus na sua obra. Simplesmente vamos organizar os dados a respeito dessa temática tal como transparece no romance desse autor português. Para realizarmos nosso objetivo dividiremos, este capítulo, em quatro itens. No primeiro item, faremos uma breve apresentação da obra que nos propomos estudar. Este primeiro item, sem possuir grande relevância, buscará revelar que a obra que pretendemos estudar não é de cunho teológico, mas literário. No segundo item, tencionamos apresentar a imagem de Jesus que é construída pelo autor ao longo de toda estória. Procuramos fazer isso para podermos perceber que tal Jesus é muito diferente daquele da revelação bíblico-cristã, no qual a teologia, de maneira mais específica a antropologia teológica, fundamenta todo seu discurso sobre a humanização. No terceiro item, vamos apresentar a imagem de Deus inventada pelo nosso autor. Mesmo sendo ateu assumido, José Saramago tem uma visão peculiar a respeito de Deus. Nosso interesse, nesse terceiro item, é o de recolher todas as idéias e concepções que o autor apresenta sobre Deus nesse romance. No quarto item, procuramos apresentar a relação que se estabelece entre Deus e Jesus. Vamos dar destaque a negação da vida e da liberdade de Jesus por Deus. Queremos com tudo isso mostrar que esta relação entre Deus e Jesus é uma relação de interesses opostos, na qual Deus se apresenta como “desumano” e Jesus como ser humano “desumanizado”.

## 1.1.

### **“O Evangelho Segundo Jesus Cristo”**

#### 1.1.1.

##### **O autor**

“O Evangelho Segundo Jesus Cristo” é um dos vários romances de José Saramago, o escritor português mais conhecido e produtivo da atualidade.

José Saramago nasceu em Azinhaga, uma pequena aldeia da Província de Ribatejo, próxima de Lisboa, em 1922. Até os três anos morou em Azinhaga. Depois foi morar em Lisboa por causa do trabalho de seu pai. Até os dezesseis anos alternava sua vida em Lisboa e em Azinhaga, lugar onde moravam seus avós. Devido a pobreza, os pais de Saramago não puderam lhe oferecer uma boa educação escolar nem formação acadêmica. Saramago concluiu o curso primário, mas não conseguiu terminar o ginásio. Estudou até o sexto ano do ensino fundamental. Aos doze anos, não podendo terminar os estudos, ingressou numa escola industrial, onde cursou, durante cinco anos, serralharia mecânica. Nesse curso, por mais estranho que pareça, foi onde o mundo da literatura se abriu para Saramago, pois aí era ministrado as disciplinas literatura e francês. Fascinado pela literatura, Saramago, em 1940, com 18 anos, se torna um freqüentador noturno da Biblioteca Pública de Lisboa, onde, sem orientação alguma, realizava a leitura de todos os livros que tinha acesso. Aos vinte e cinco anos, em 1947, Saramago escreveu e publicou seu primeiro livro, um romance intitulado “Terra de Pecado”, que ao ser publicado recebeu do editor o título “A viúva”. Dois anos depois, produziu, sem publicar, outro romance, “A clarabóia”. Depois da publicação de sua primeira obra, Saramago viveu um “silêncio literário”, porque não publicou nenhum outro escrito durante quase duas décadas até 1966, quando então foi publicado seu livro de poesias, “Os Poemas Possíveis”. Em 1975, depois de ter sido demitido do Diário de Notícias, onde exercia a função de diretor-adjunto, por causa de sua ideologia política, visto que pertencia ao Partido Comunista, resolveu se dedicar exclusivamente a função de escritor.



José Saramago é autor de inúmeras obras. Entre poemas<sup>1</sup>, crônicas<sup>2</sup>, contos<sup>3</sup>, romances<sup>4</sup>, teatros<sup>5</sup>, diários<sup>6</sup> são mais de trinta obras publicadas, sem contar os artigos publicados em vários jornais<sup>7</sup>. Com suas obras, publicadas em várias línguas, Saramago é reconhecido internacionalmente. Ganhou vários prêmios, entre eles o Nobel de literatura em 1998. É uma das principais figuras da literatura mundial do nosso tempo.

Devido à sua militância no Partido Comunista Português, do qual começou a participar desde de 1969, e de sua preocupação sócio-humanitária, José Saramago pode ser considerado um “escritor comprometido” ou mesmo um “humanista”. Alguns de seus livros tocam questões sociais e antropológicas bem relevantes. Prova disso são os seus “Levantando do Chão”, “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”, “Ensaio sobre a Cegueira”, “A Caverna”, e “O Homem Duplicado”. Além disso, ele viaja o mundo todo como um “mensageiro” da justiça social e da paz. No Brasil ele esteve com o Movimento dos Sem Terra, no México com os indígenas de Chiapas, na África visitou vários países presenciado a extrema miséria, e em Israel criticou o absurdo da guerra entre palestinos e israelenses.

<sup>1</sup> “Os Poemas Possíveis” (1966), “Provavelmente Alegria” (1970) e “O Ano de 1993” (1975).

<sup>2</sup> “Deste Mundo e do Outro” (1971), “A Bagagem do Viajante” (1973), “As opiniões que o D.L. teve” (1974), “Os Apontamentos: crônicas políticas” (1976), “Viagem a Portugal” (1981).

<sup>3</sup> “Objecto Quase” (1978), “Poética dos Cinco Sentidos – O Ouvido” (1979), “O conto da Ilha Desconhecida”

<sup>4</sup> “Terra de Pecado” (1947), “Manual de Pintura e Caligrafia” (1977), “Levantando do Chão” (1980), “Memorial do Convento” (1982), “O Ano da Morte de Ricardo Reis” (1984), “Jangada de Pedra” (1986), “História do Cerco de Lisboa” (1989), “O Evangelho Segundo Jesus Cristo” (1991), “Ensaio Sobre a Cegueira” (1995), “Todos os Nomes” (1997), “A Caverna” (2000), “O Homem duplicado” (2002).

<sup>5</sup> “A Noite” (1979), “Que Farei com este Livro” (1980), “A Segunda Vida de Francisco de Assis” (1987), “In Nomine Dei” (1993).

<sup>6</sup> “Cadernos de Lanzarote”, cinco volumes de diários escritos de 1994 a 1998.

<sup>7</sup> Entre os artigos escritos recentemente por José Saramago citamos: “África” (El Mundo, 12/8/1998), artigo sobre a situação desumana vivida no continente africano; “Alégrate Izquierda” (El Mundo, 9/10/1998), artigo que questiona a política adotada pela esquerda no cenário político mundial; “Sin papeles” (El Mundo, 4-12-1998), sobre a exclusão de tantos homens e mulheres no mundo de hoje; “Si no se salva Timor no nos salvaremos” (El País, 9/9/1999), artigo que questiona a indiferença da comunidade internacional em relação à guerra civil em Timor Leste; “Capitalismo sin adversários” (Clarín Diário, 29/01/1999), sobre a hegemonia do neoliberalismo no mundo atual; “A guerra do desprezo”, artigo sobre as comunidades indígenas zapatistas do México que são violentadas pelo poder militar e para-militar mexicano; “El factor Dios” (El País 18/9/2001), sobre as atrocidades cometidas em nome de Deus; “Da justiça à democracia, passando pelo sino”, sobre a “morte” da justiça num mundo dominado pela globalização econômica; “La explanada del absurdo” (El País, 24/3/2002), sobre o absurdo da “guerra santa” travada entre palestinos e israelenses; “De las piedras de David a los tanques de Goliath” (El País, 21/4/2002), sobre a guerra entre Israel e Palestina. Todos esses artigos estão disponíveis em: <http://saramago.iespana.es/saramago.htm>

José Saramago é um ateu convicto, mas isso não o faz abandonar o tema “Deus” dos seus escritos. Em “Levantando do chão”, “Memorial do Convento”, “A Jangada de Pedra”, “O Ano da Morte de Ricardo Reis” e “In Nomine Dei”, “Deus” é sempre mencionado. Entretanto, sua menção é quase sempre negativa, pois a imagem de Deus é estereotipada<sup>8</sup>. Mas é em “O Evangelho Segundo Jesus Cristo” que Saramago chega ao ponto mais alto com relação a referência a Deus e à religião cristã. Nessa obra, ele descarrega toda sua crítica, como ateu, contra a figura de Deus e contra o cristianismo. “Deus” é apresentado como um poder absolutamente tirânico, manipulador e condicionador da existência humana e indiferente ao sofrimento humano; e o cristianismo é apresentado como a religião que nega tudo aquilo que é próprio da vida (o corpo, a sexualidade, a alegria); como a religião que acentua e valoriza tudo aquilo que é negativo à existência (o sofrimento, a tristeza, a renúncia ao corpo e à sexualidade, o sentimento de culpa, o pecado, a angústia); como a religião responsável pelo derramamento de sangue, ao longo da história, por causa de sua intolerância religiosa.

### 1.1.2. O Romance

“O Evangelho Segundo Jesus Cristo” não é uma obra teológica nem tampouco um trabalho sobre dados de pesquisas historiográficas recentes sobre Jesus de Nazaré; é um *romance*, isto é, uma “ficção em prosa”<sup>9</sup>.

Segundo José Saramago, “O Evangelho Segundo Jesus Cristo” é um romance que nasceu de uma ilusão de ótica. Ao atravessar uma rua, em Sevilha, em 1987, Saramago leu, na confusão de manchetes de uma banca de jornal, as palavras em português do título do livro: “evangelho segundo Jesus Cristo”. Espantado, Saramago voltou para conferir. No amontoado de jornais e revistas não havia nenhum título que ele pareceu ter visto, não havia lá nem “evangelho”, nem “Jesus” e nem “Cristo”. Tudo não passara de uma ilusão de ótica. Entretanto foi a partir desse fato que Saramago, com o título em mente, começou a pensar e a arranjar algumas idéias

<sup>8</sup> Sobre a presença de Deus na obra de Saramago veja: FERRAZ, S. **O quinto evangelista: O (des)evangelho segundo José Saramago**. Brasília: UnB, 1998, pp, 27-57.

<sup>9</sup> Cf. BERRINI, B. **Ler Saramago: o romance**. Lisboa: Editorial Caminho, 1998, p. 158.

embrionárias para uma estória sobre Jesus. Em 1989, na pinacoteca de Bolonha, Saramago teve uma segunda “iluminação”. Segundo seu testemunho, lhe apareceram, de repente, naquele lugar e naquele momento, alguns pontos sólidos para começar a escrever um livro. O enredo havia surgido ali:

“Jesus tem um encontro com Deus que lhe revelará o futuro, não apenas o seu próprio, mas também o da religião que será fundada na morte necessária de um mártir. Jesus recusa esse papel e foge. A história a contar será então longa, mas não de interminável fuga. Os milagres serão operados por Deus à frente de Jesus para o forçar a aceitar a proposta”<sup>10</sup>.

Alguns estudiosos em literatura afirmam que o ESJC<sup>11</sup> é um “romance histórico”, pois sua estória se fundamenta em dados históricos<sup>12</sup>. No caso, “histórico” seria o contexto do primeiro século, a vida de Jesus de Nazaré e alguns dados sobre a história do cristianismo ao longo dos séculos.

José Saramago utiliza alguns dados históricos provenientes de várias fontes (os evangelhos canônicos, os evangelhos apócrifos, o martirologio romano e alguns livros de história antiga) para compor a sua ficção sobre Jesus. Esse recurso revela que o ESJC é um trabalho que une história e muita fantasia. A sua proposta não é histórica ou teológica, mas é claramente ficcionalizante. A vida de Jesus, sem poder ser tomada como um relato histórico, é uma construção da imaginação criativa de José Saramago. O nosso autor não é fiel a história de Jesus encontrada nos evangelhos canônicos. Ele realiza uma “subversão paródia do modelo bíblico”<sup>13</sup>. Isso significa que “não se trata aqui, no romance de Saramago, de uma simples retomada de um enunciado antigo numa enumeração nova, mas de uma voluntária apropriação da enunciação anterior que vem transformada, travestida, violada quer pela inversão da fórmula consagrada, quer pelo humor que corrói a citação literal, quer pelo deslocamento que impõe ao discurso anterior uma relação outra com seu contexto”<sup>14</sup>. Saramago constrói a sua estória modificando o sentido da história canônica sobre

<sup>10</sup> Citação da fala de Saramago extraída de: FERREIRA ALVES, C. “No meu caso, o alvo é Deus”. **Revista Expresso**, Lisboa, 02 nov. 1991, p. 82.

<sup>11</sup> A partir de agora utilizaremos a sigla ESJC para designar o romance “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”.

<sup>12</sup> Cf. BERRINI, B. *Ibid.*, pp. 10-11; CERDEIRA DA SILVA, T.C. O Evangelho Segundo Jesus Cristo: ou a consagração do sacrilégio. In: **José Saramago**. Roma: Bulzoni, 1996, pp. 164-166.

<sup>13</sup> *Id.* *Ibid.*, p.164.

<sup>14</sup> *Id.* *Ibid.*, p. 165.

Jesus. No fundo ele realiza uma verdadeira desconstrução dos evangelhos<sup>15</sup>. Essa desconstrução tem início no título do romance e perpassa toda estória e cada personagem.

O título “Evangelho segundo Jesus Cristo” contraria os evangelhos canônicos. A palavra “Evangelho” do título nada tem a ver com “boa-nova”, pois essa estória fala da manipulação de Jesus pelo poder opressor de Deus, e nem encontra fundamento na fé no Crucificado-Ressuscitado. E “segundo Jesus Cristo” é algo sem sentido, pois indica que o romance trata de uma auto-biografia de Jesus, e bem sabemos que Jesus não deixou nada escrito a seu respeito, e bem sabemos também que no romance, em nenhum momento, o personagem Jesus assume a narração dos acontecimentos de sua vida. O mais correto seria intitular o romance com o título “O (des)evangelho segundo José Saramago”. Isso porque este título corresponde melhor ao conteúdo do livro: a estória da relação conflituosa entre Deus e Jesus que é contada por Saramago. O próprio Saramago, antes de iniciar a narração, se assume como “evangelista” em duas epígrafes. A primeira é a citação de Lc 1,1-4. Com isso, nosso autor quer dizer que “depois de ter investigado desde a origem” resolveu ele escrever mais uma interpretação dos fatos relacionados com a vida e as palavras de Jesus. A segunda epígrafe é a frase de Pilatos, *Quod scripsi, scripsi* (“O que escrevi, escrevi”). Com isso, Saramago assume toda responsabilidade de sua obra. A citação reflete a firme decisão do autor de não voltar atrás, aconteça o que acontecer. E ao mesmo tempo, a citação é uma confirmação-aprovação da estória construída.

A desconstrução se realiza também nos personagens. No romance, os personagens aparecem como homônimos das figuras bíblicas. Estes últimos são descaracterizados, pois seus homônimos, na estória, se apresentam bem diferentes. “Deus” é apresentado, não como o Pai misericordioso, mas como um ser ávido de poder, que não se preocupa nem um pouco com a vida das pessoas e nem mesmo com a vida de Jesus, que é levado por ele (Deus) à morte de cruz como um cordeiro ao

<sup>15</sup> Este recurso utilizado por José Saramago é conhecido como “Paródia”. “ ‘O parodiar é a criação do duplo destronante, o mesmo ‘mundo às avessas’ (Bakhtin, 1981: 109) que dialoga com o texto referencial e com ele estabelece um conflito, em que a voz primeira é hostilizada e compelida a ser usada para fins diametralmente opostos. Por isso, a paródia é ambivalente, fazendo renascer aspectos até então invisíveis. Assim, na paródia, o discurso se converte em palco de luta entre duas vozes’ (Bakhtin, 1981: 168)”. FLORES, C. **Do mito ao romance. Uma leitura do evangelho segundo Saramago**. Natal: EDUFERN, 2000, p. 78.

sacrifício. “Jesus” é apresentado como um homem igual a todos os outros, inclusive na pecabilidade, que tenta escapar ao destino que Deus determinou para ele. “Maria” e “José” formam um casal normal, para a época do primeiro século, que tem nove filhos. “Maria” é caracterizada como uma mulher como qualquer outra de sua época: submissa, mãe de muitos filhos, sem vontade própria, confinada às tarefas da casa e da família. “José” aparece como um carpinteiro rude, piedoso e ingênuo que vive atormentado por pesadelos diários devido ao sentimento de culpa por causa de sua omissão que provocou a morte de vinte e cinco crianças em Belém. “Maria de Magdala”, por sua vez, é uma prostituta que se converte e se torna a amante, “mãe” e “discípula” de Jesus. O “Diabo”, que é uma figura temida no imaginário popular, é apresentado como um ser enigmático, mas não maligno, que está presente o tempo todo na vida de Jesus: como mendigo-anjo que faz a anunciação à Maria e como o Pastor que cuida da educação de Jesus<sup>16</sup>.

O romance de Saramago é singular. A vida de Jesus é narrada de uma maneira absolutamente oposta ao sentido dos evangelhos sinóticos. A história tem como ponto fundamental a relação entre Jesus e Deus, assim também como nos relatos bíblicos. Entretanto, no romance a relação entre Jesus e Deus não é uma relação de confiança, de ternura, de fidelidade, mas uma relação tensa, na qual Deus manipula Jesus e este procura negar sua filiação divina se revoltando contra Deus. A história é a tentativa frustrada de Jesus se libertar de Deus.

Para apresentar a problemática da relação opressora e tirânica de Deus sobre Jesus, José Saramago reconta a vida de Jesus a sua maneira. O romance possui, ao todo, vinte e quatro capítulos que seguem e obedecem a uma determinação histórico-cronológica, nos quais é apresentada a vida de Jesus desde o momento da sua concepção, através da relação sexual entre José e Maria, até o momento último e derradeiro de sua vida na cruz<sup>17</sup>.

<sup>16</sup> A respeito da paródia realizada por Saramago com os personagens bíblicos, cf.: FERRAZ, S. Ibid., pp. 59-137.

<sup>17</sup> O primeiro capítulo do ESJC é a exceção à cronologia sobre a vida de Jesus. A narrativa propriamente da vida de Jesus começa no capítulo segundo. No primeiro capítulo, Saramago descreve, mediante o estilo de narração, e interpreta a gravura do artista alemão Albrecht Durer (1471-1528), “A Grande Paixão”. O capítulo inicial narra a crucificação de Jesus. Este capítulo deve ser considerado como um prólogo. “Nele, em síntese, estão os objetivos do autor parcialmente explicitados: o que vai narrar é a vida de Jesus, de que o capítulo final é a crucificação”. BERRINI, B. Ibid., p. 158.

No ESJC, Jesus é concebido como todos os homens, pelo relacionamento sexual entre José e Maria, sem a concepção virginal de Maria pelo Espírito Santo (cap.2). A anunciação do nascimento de Jesus à Maria é feita pelo Diabo que assume a feição de um mendigo-anjo. Depois da anunciação o mendigo-anjo deixa na casa do casal um tigela com areia luminosa dentro (cap.3). O nascimento de Jesus ocorre em Belém, numa gruta, com a ajuda de uma parteira chamada Zelomi (cap.6), pois Maria e José tiveram que sair de Nazaré por causa do recenseamento (cap. 4 e 5), e em Belém não encontraram hospedagem (cap.6). Os primeiros a visitarem o menino Jesus foram três pastores, e um deles era o Diabo. Eles presentearam Jesus com leite, queijo e pão, e este último presente foi dado pelo Diabo, o que, implicitamente, quer afirmar que Jesus sofrerá muito, pois terá que “comer o pão que o Diabo amassou” (cap.6). Jesus é circuncidado no oitavo dia depois do nascimento numa sinagoga em Belém e José começa a trabalhar no templo como carpinteiro (cap.7). Jesus é salvo da matança realizada em Belém pelos soldados de Herodes, pois José fica sabendo com antecedência dos planos do infanticídio. Vinte e cinco crianças são mortas por causa da omissão de José: ele não avisa as famílias de Belém sobre o plano da matança. A partir daqui, José passa a ser atormentado pela culpa e começa a ter um pesadelo pavoroso todas as noites: sonha que é um dos soldados de Herodes indo em direção de seu filho para matá-lo (cap.8). Jesus tem uma infância normal em Nazaré com José e Maria e seus oito irmãos: ajuda o pai na carpintaria, se instrui no judaísmo e brinca com os irmãos (cap.9 e 10). Aos treze anos, depois da morte de José, que havia sido inocentemente crucificado aos 33 anos como revoltoso político em Séforis (cap.11), Jesus herda a culpa do pai e é atormentado diariamente por um pesadelo: sonha que é uma criancinha de Belém e que o seu pai, como soldado de Herodes, vem a seu encontro para matá-lo (cap.12). Jesus sai de casa, depois de uma discussão com sua mãe, para procurar respostas a respeito da culpa que o consumia, e rumo para Jerusalém (cap. 13), onde no templo questiona um escriba sobre a culpa e o remorso (cap.14). Depois de ficar sabendo do escriba que “a culpa é um lobo que come o filho depois de ter devorado o pai”, Jesus vai até Belém afim de obter informações a respeito dos fatos que cercam o seu nascimento (cap.15). Por quatro anos, Jesus, no território da Judéia, se torna ajudante de um estranho Pastor (Diabo) aprendendo a

cuidar das ovelhas (cap.15-16). Com dezoito anos, Jesus se encontra com Deus no deserto. Deus, que se lhe revela numa pequena nuvem, faz com Jesus uma aliança. Deus promete poder e glória a Jesus em troca de sua vida (cap.16). Depois do encontro com Deus, Jesus é mandado embora pelo Pastor, porque sacrificou a Deus uma ovelha que antes havia recusado sacrificar, e se torna ajudante dos pescadores do Lago de Genezaré. Faz amizade com Simão, André, Tiago e João e realiza o seu primeiro milagre, a pesca milagrosa. Jesus conhece a prostituta Maria de Magdala e faz com ela sua primeira experiência sexual (cap.17). Depois de passar uma semana na casa de Maria de Magdala, Jesus retorna à Nazaré, mas sua família não acredita que ele teve um encontro com Deus. Aborrecido, Jesus sai de casa pela segunda vez e passa a viver no litoral com Maria de Magdala (cap.18). Depois que Maria de Nazaré fica sabendo por um anjo que Jesus é filho de Deus, envia José e Tiago à procura de Jesus para lhe pedir para que volte para casa, mas Jesus não retorna porque seus irmãos continuam não acreditando que ele havia visto Deus (cap. 19). Nas bodas de Caná, Jesus se encontra com sua mãe e rompe definitivamente com ela (cap.20). Jesus, sem saber qual é sua missão, realiza alguns prodígios: acalma uma tempestade, transforma água em vinho nas bodas de Caná (cap.20), cura a sogra de Simão, dissipa uma formação de uma tempestade, expulsar os demônios de um gadareno, multiplica alguns pães e peixes para matar a fome de quinze mil pessoas, e faz secar uma figueira (cap. 21). Numa manhã de denso nevoeiro, Jesus embarca num barquinho e no centro do mar se encontra com Deus pela segunda vez e também com o Diabo. O encontro dura quarenta dias. Na barca, Deus revela a filiação divina de Jesus e a sua missão, que é a de morrer crucificado com “filho de Deus” para aumentar o domínio de Deus em todo mundo (cap.22). Depois desse encontro, Jesus, como “filho de Deus”, constitui o grupo dos Doze (cap.22), realiza alguns outros milagres, anuncia o arrependimento e a proximidade do Reino, envia os discípulos em missão, e é batizado por João Batista (cap.23). Consciente do terrível futuro de sangue que iria surgir da sua morte de cruz, Jesus se revolta contra os planos de Deus e faz de tudo para ser condenado à morte, não como “filho de Deus” (condenação religiosa), mas como “rei dos Judeus” (condenação política). Entretanto, fica frustrada a intenção de Jesus, pois quase no último momento de sua vida, Deus aparece nos céus, por sobre a

cruz, dizendo em alta voz que Jesus é o seu filho amado. Jesus, se sentido enganado e como cordeiro levado ao matadouro, pede para a humanidade perdoar a Deus pelo sem sentido de sua morte e pelos sofrimentos e mortes que serão consequência desta (cap.24). O romance termina com o sangue de Jesus gotejando numa enigmática tigela negra que havia sido deixada na casa do casal José e Maria depois da anunciação do nascimento de Jesus.

O ESJC, como podemos perceber, é a estória da vida de Jesus e de sua relação com Deus; é a estória do humano que busca se libertar do poder tirânico de Deus, mas que no fim faz a experiência da derrota.

### 1.1.3. Reações e críticas

O ESJC logo assim que foi publicado, em novembro de 1991, foi alvo de contestações e de críticas. Na imprensa portuguesa, muitos artigos foram escritos em jornais e revistas condenando o romance editado. Alguns livros também foram publicados<sup>18</sup>, mas infelizmente nenhum deles se apresenta como um estudo teológico sério e coerente. Da parte da Igreja, oficialmente nada foi divulgado a respeito do ESJC. Somente foi mencionada no *L'Osservatore Romano* do dia 08 de outubro de 1998 a insatisfação do Vaticano pela premiação de José Saramago ao Nobel de literatura, pois, segundo o Vaticano, o autor português em o ESJC apresenta uma “visão substancialmente anti-religiosa” e em “O Memorial do Convento”, “exprime toda uma veia anti-clerical”. Da parte do Governo português, o romance foi censurado. O Sub-secretário de Estado da Cultura, Antônio Sousa Lara, vetou, em abril de 1992, a Saramago a indicação ao Prêmio Literário Europeu, pois o seu ESJC ofendia as crenças religiosas do povo português.

Para podermos observar o teor das reações ao ESJC, apresentaremos aqui algumas críticas que apareceram em alguns artigos de jornais, revistas e também em livros.

<sup>18</sup> Confira as publicações a respeito do ESJC: REIS, M. **A falsa questão ateímo-teísmo. Crítica necessária a José Saramago**. Aveiro: Estante, 1992; VIEIRA MENDES, M. **O Evangelho da história e o Jesus da fé, contra as ficções romanescas de José Saramago**. Porto: Verdade e Vida, 1992; MOURA DE BASTO, J. **Deus é Grande e José Saramago o seu Evangelista**. Lisboa: Do Autor, 1993.



Num pequeno jornal português, “A Voz de Trás-os-Montes”, um tal de Pe. Minhava chama o romance de Saramago de “livreco pestilento e blasfemo” e diz que o autor, na obra, se “enterra até as orelhas nas escorrências que destila como falsário, aleivoso e cínico”<sup>19</sup>, e, além disso, Pe. Minhava critica a idéia da coexistência de Deus e Diabo postulada por Saramago no romance.

“ Mete-se (o autor) a parolar fatuamente sobre Ontologia, sem conhecer os cantos à casa. Afirma a existência ou coexistência de dois princípios absolutos e antagônicos, personalizando-os, para logo os definir como ‘ausência um do outro’. Materializa conceitos negativos, numa confusão onírica, delirante!”<sup>20</sup>.

Vital Capelo, no jornal “O Arrais de Peso da Régua”, critica Saramago acusando-o de deformar a figura de Jesus Cristo e de não levar em conta o fator histórico, visto que Jesus é um personagem histórico.

“Vir desculpa-se com o sub-título de ‘romance’ não basta, já que foi escolher como figura principal uma figura histórica, que apresenta de modo deformado, e, por vezes, anti-histórico, o que de modo algum se pode admitir, pois o autor também não é historiador profissional. Há que ter em consideração a verdade histórica, quando se faz romance histórico, o que se poderia justificar neste caso, mas de fato não acontece (...) Saramago podia ter feito a sua apresentação humana (de Jesus) de uma forma compreensível, sem estar a meter Deus, que não conhece, em situações ofensivas da consciência dos crentes, deformando ainda o caráter sagrado de Jesus Cristo, que aliás não nega, mas deforma ostensivamente”<sup>21</sup>

Carlos A. Moreira Azevedo, num artigo para o jornal “Voz Portuguesa”, considera a obra de Saramago um pseudo-evangelho que brinca com questões sérias. Segundo ele, a obra “trata-se de um pseudo-evangelho, apócrifo e de mau gosto...Não é honesto, mas é comercial”<sup>22</sup>. Para esse articulista, a obra de Saramago é um “puro romance, produto de mera ficção baseada numa dúzias de fatos retirados do Evangelho e mesmo estes por vezes distorcidos e alterados, ainda que sugestivos para a arquitetura da obra e a concatenação harmônica dos episódios, com clara finalidade

<sup>19</sup> MINHAVA. “Pobre Língua de Camões!”. *Jornal “A Voz de Trás-os-Montes”*, 16/07/1992, p.1.

<sup>20</sup> Id. Art. cit., p. 1.

<sup>21</sup> CAPELO, V. “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”. *Jornal “O Arrais”*, 710, ano XIV, 12/3/1992, p.1.

<sup>22</sup> MOREIRA AZEVEDO, C.A. “A propósito de um (im)puro romance que é um falso ‘evangelho’”. *Jornal “Voz Portuguesa”*, 44, ano XXI, 28/11/1991, p. incerta.

ideológica”<sup>23</sup>. No evangelho de Saramago “são contínuas as alfinetadas a Deus” e Jesus é apresentado “como homem banal”<sup>24</sup>.

No jornal “Reconquista”, Joaquim Alves, escreve:

“O livro de Saramago é uma afronta à cultura mundial, pois todo homem consciente e culto, mesmo que seja descrente e não aceite a divindade de Jesus, faz-lhe ao menos justiça de o considerar o grande obreiro e fundador de Nova Era de Liberdade, Igualdade e Fraternidade”<sup>25</sup>.

Horácio Cardoso, num artigo para o jornal “Lamego Hoje”, por um lado, considera José Saramago um dos melhores escritores da literatura portuguesa e aprecia a qualidade literária de seu evangelho, e, por outro lado, o critica por ter abordado temas que não lhes são pertinentes. O articulista faz as seguintes afirmações:

“José Saramago, um dos melhores ficcionistas da literatura portuguesa contemporânea, traz-nos, com este Evangelho, quiçá das melhores páginas em que a paleta de qualquer escritor poderia ter desenhado, em letra de forma, cenas de incomparável humanismo e poesia. (...) Saramago entrou na abordagem de temas que não compreende porque não os sente ou vice-versa, a sua formação marxista acaba vulgarizando e razoirando valores cuja medida se perfila para além do ângulo de focagem da sua pobre, opaca e sinceramente distorcida análise”<sup>26</sup>.

Um articulista de uma revista católica portuguesa, “Miriam”, Pedro Lopes Quinteiro, escreve que Saramago fez um grande mal à cultura com a publicação do seu evangelho.

“Muito mal serviço se presta à inteligência e à cultura quando atavios e artifícios literários mascaram e pretendem justificar indecorosas sandices científicas e teológicas, ou pior ainda, quando camuflam sabujice de luva com que, despectiva, irônica e arrogantemente, se esbofeteia e achincalha a consciência crente da imensa maioria dos seus concidadãos...”<sup>27</sup>.

Manuel Bernardo, outro articulista da revista “Miriam”, denomina o Evangelho de Saramago de anti-evangelho, pois apresenta uma imagem de Deus que está em oposição à mensagem bíblica e, portanto, em oposição ao Deus de Jesus.

<sup>23</sup> Id. Art. cit., p. incerta.

<sup>24</sup> Id. Art. cit., p. incerta.

<sup>25</sup> ALVES, J. *Jornal “Reconquista”*, 21/02/1992, p. incerta.

<sup>26</sup> CARDOSO, H. “Saramago e o seu Evangelho”. *Jornal “Lamego Hoje”*, Ano 6, n. 113, 21 de janeiro de 1992, p. incerta.

<sup>27</sup> QUINTEIRO, P.L. “Péssimo serviço à cultura”. *Miriam*, 444, dez. 1991, p.3.

“Dizer que o Deus de Jesus Cristo é um ‘Deus tirano’, privilegia a ‘opressão autoritária’ e ‘gosta do sangue humano’ exigido às suas vítimas, não deixa de ser revoltante. Tais afirmações estão em flagrante contradição com a mensagem central dada por Jesus no seu Evangelho, que neste romance, é literalmente, virado ao avesso. Não foi o homem ‘criado à imagem e semelhança’ de Deus, que, como verdadeiro Pai, dedica a cada pessoa um amor infinito, procurando apenas a sua felicidade?”<sup>28</sup>.

H. Noronha Galvão, num artigo para a revista “Communio”, condena a obra de Saramago como uma falsificação dos evangelhos canônicos, pois a sua interpretação destes é abusiva. Ele escreve, nesse sentido, que “o que o romance a cada página faz é, pura e simplesmente, afirmar o inverso do que testemunham os documentos históricos que os evangelhos também são, ainda que o não sejam apenas”<sup>29</sup>. Afirma o autor ainda, que “a falsificação histórica, a mistificação feita com Jesus Cristo é muito grave”<sup>30</sup>.

R. da Cunha, articulista da revista “Mensagem de Santo Antônio”, percebe na obra de Saramago a presença, em muitos aspectos, de uma grande qualidade literária, mas, ao mesmo tempo, observa também que os temas de cunho religioso são trabalhados de forma muito deficiente.

“Este livro tem páginas de uma qualidade literária única: capítulos há verdadeiramente antológicos, a par de outros de que não parecem da mesma pena. Quando Saramago trata do homem, tem normalmente, capacidade para o tratamento. Quando se mete... ‘onde não é chamado’, é normalmente um desastre...”<sup>31</sup>.

Num pequeno artigo intitulado “O Evangelho segundo Saramago”, o padre Antônio Rego, tece alguns elogios a obra de Saramago, afirmando que “Saramago continua com uma narrativa sonora, sedutora e enternecida e as suas personagens são protegidas sempre por uma compaixão”<sup>32</sup>. Entretanto, o autor do artigo levanta também a crítica de que Saramago apresenta na sua obra um Cristo diferente e afastado daquilo que os cristãos conhecem.

<sup>28</sup> BERNARDO, M. “O Evangelho Segundo Saramago e o Mistério da Cruz de Jesus”. **Miriam**, 447, março de 1992, p.17.

<sup>29</sup> NORONHA GALVÃO, H. “O nome das coisas, das pessoas e dos demônios. Uma leitura do último livro de J. Saramago”. **Communio**, 2, Março/Abril de 1992, p.173.

<sup>30</sup> Id. Art. cit. p.173.

<sup>31</sup> DA CUNHA, R. “A escrita do ‘Evangelho’ (de Saramago)”. **Mensagem de Santo Antônio**, n. 2, Fevereiro de 1992, p. 6.

<sup>32</sup> REGO, A. “O Evangelho Segundo Saramago”. **Miriam**, n. 445, janeiro de 1992, p.10.

“José Saramago escreve um quinto Evangelho e diz que é Jesus Cristo. Coloca dum lado e d’outro do livro um excerto de Lucas, espécie de contra-forte, que lhe autorizará todos os desvaneios, ressentimentos e perguntas sobre a história e missão de Jesus. A seguir, a tudo isso chama Romance, o que irresponsabiliza completamente pelas alucinações teológicas e narrativas de feição histórica”<sup>33</sup>.

Em seu artigo intitulado “O dito e o feito”, Silva Pereira, professor de literatura da Universidade de Braga, afirma que Saramago em seu evangelho faz aflorar “alusões e referências explícitas às figuras sagradas e à religião católica, normalmente carregadas de ironia, senão mesmo de sarcasmo”<sup>34</sup>. Para o autor do artigo, essa insistência de Saramago em seu evangelho nos assuntos da religião cristã pode ser interpretada de duas formas:

“como intenção deliberada de atacar Cristo e a Igreja, tentando demolir, pelo ridículo e à falta de argumentos sérios, os fundamentos da dignidade e da grandeza do homem e, afinal de toda civilização; mas pode também ser interpretada...como sinal de que Jesus Cristo e sua Igreja se encontram presentes no espírito do escritor como realidades que o fascinam e o interrogam, embora a resposta tenha sido, até agora e mormente neste último romance, negativa e até mesmo desastrada”<sup>35</sup>.

Silva Pereira afirma que no evangelho saramaguiano

“há várias seqüências narrativas e fundamentais, cujo tom de ironia e mesmo de gozo, desmentem a tão propalada intenção de repensar a figura de Cristo evangélico num sentido pretensamente mais humanizante, como se fosse possível ser mais sublimemente humano do que as figuras evangélicas. Se, afinal, a intenção era satirizar Jesus Cristo e o cristianismo, o propósito sai frustrado, uma vez que o Cristo e o cristianismo imaginados pelo romancista nada têm a ver com os verdadeiros”<sup>36</sup>.

Para o autor desse artigo, José Saramago empreende uma deformação das personagens bíblicas presentes no seu romance, especialmente a figura de Deus, que é deformada radicalmente. Escreve Silva Pereira que no romance,

“Deus é um carrasco sádico, que se compraz na dor e no sangue da humanidade, a qual tem apenas como destino, adorar e sacrificar. Ora o Evangelho mostra precisamente o contrário. Espantosamente, Deus não sacrifica a humanidade; sacrifica-se a si próprio, na pessoa do Filho, e por culpa que não Deus, mas o homem cometeu. Afinal, não é a humanidade que

<sup>33</sup> Id. Art.cit, p.10.

<sup>34</sup> PEREIRA, S. “O dito e o feito”. **Mensageiro do Coração de Jesus**, Ano CXVII, n. 1, Janeiro de 1992, p.31.

<sup>35</sup> Id. Art. cit., p.31.

<sup>36</sup> Id. Art. cit., p.31.

é vítima de Deus; Deus é que é vítima da humanidade. O raciocínio de Saramago estaria certo se Cristo não fosse filho de Deus, que é como o romancista apresenta. Mas sendo-o, a questão muda radicalmente(...) Se este é, para Saramago, o Deus dos cristãos, então faz muito bem Saramago em não acreditar nele. Porque esta figura romanesca não é um deus, não é nada. É uma alucinação cruel e velhaca, grotesca, risível e lamentável”<sup>37</sup>.

Manuel Vieira Mendes escreveu um livro em que, do início ao fim, critica, sem muito fundamento, mas com muitíssimos insultos, a obra de Saramago. Para se ter uma idéia, logo no prólogo, o autor escreve que o ESJC é um “ romance anti-evangélico e que deve ser votado a eterno esquecimento, quer religiosa, quer historicamente”<sup>38</sup>. Isso porque o autor entende que o ESJC

“ é uma manipulação grosseira e arbitrária da Revelação contida no Novo Testamento, escrita sob o título que visivelmente procura induzir a erro os eventuais compradores... (e é) um livro que insulta a maioria do povo português, (visto que) o povo português é católico, e sente como feita a si a ofensa dirigida contra Deus, contra Nossa Senhora ou contra os Santos”<sup>39</sup>.

José Moura de Basto, em seu livro “Deus é Grande e José Saramago o seu evangelista”, critica Saramago por ter deformado as figuras bíblicas de Maria, Jesus e Deus. Segundo esse crítico, Saramago “conspurcou o nome de Maria...sujou o nome de Deus e de Jesus Cristo”<sup>40</sup>, além de ter adulterado o sentido dos evangelhos canônicos, visto que, “o neo-evangelista lusitano pega nos evangelho, cozinha-os à sua maneira e serve-nos um manjar requentado”<sup>41</sup>.

Manuel Reis, em seu livro “A Falsa questão ateísmo-teísmo”, critica José Saramago por ter apresentado em o ESJC uma “metafísica do avesso”, isto é, uma metafísica que “se perfila no reverso da medalha do ‘crente”<sup>42</sup>. Para Manuel Reis, “no cliché negativo de seu *ateísmo metafísico* (de Saramago), está cunhado um *teísmo metafísico* do seguinte teor: Tal Divindade afadiga-se a impelir os homens a pecar, para, depois, poder usufruir da glória e da magnanimidade paternalista de lhes

<sup>37</sup> Id. Art. cit. p.33.

<sup>38</sup> VIEIRA MENDES, M. **O Evangelho da História e o Jesus da Fé: contra as ficções romanescas de José Saramago**. Porto: Livraria Fátima, 1992, p. 12.

<sup>39</sup> Id. Ibid., p. 137.

<sup>40</sup> MOURA DE BASTO, J. **Deus é grande e José Saramago o seu evangelista**. Lisboa: Ed. de Autor, 1993, p.18.

<sup>41</sup> Id. Ibid., p.18.

<sup>42</sup> REIS, M. **A Falsa questão ateísmo-teísmo:Crítica necessária a José Saramago**. Aveiro: Estante, 1992, p. 53.

perdoar”<sup>43</sup>. Tal visão, segundo o autor do livro, “é a completa dissolução da Liberdade e da respectiva Responsabilidade do gênero humano. O próprio Jesus não passa de um brinquedo manipulado e manipulável nas mãos de um Deus mais temeroso, horrendo e vingativo que o Jeová vetero-testamentário”<sup>44</sup>.

O arcebispo de Braga, D. Eurico Dias de Nogueira, numa homilia proferida em maio de 1992, deprecia com palavras insultantes e desrespeitosas a José Saramago por causa do ESJC.

“O resultado, num ateu pouco honesto e comunista obcecado...: um livro blasfemo, espezinhador da verdade histórica e difamador dos maiores personagens do Novo Testamento, como Nossa Senhora, São José, e os Apóstolos, além de Cristo, o principal visado e, por isso mesmo, insultuoso para os cristãos crentes: para todos nós”<sup>45</sup>.

As críticas ao ESJC não acabam por aqui. Existe ainda muitos outros artigos que não mencionamos porque não queremos nos estender demais e porque não têm grande relevância.

Nessas críticas que apresentamos o centro da contestação ao ESJC está na interpretação que este apresenta a respeito das figuras bíblicas, sobretudo de Jesus e Deus. O ESJC descaracteriza Jesus e Deus e, assim, realiza a negação da fé cristã, pois esta encontra fundamento na relação entre Deus e Jesus tal como é apresentada pela revelação bíblica.

## **1.2. A identidade do Jesus de José Saramago**

O ESJC apresenta uma nova e diferente imagem de Jesus que é configurada ao longo de todo o romance. É nova e diferente a imagem do Jesus de José Saramago porque se distancia muito do Jesus da fé cristã, sobretudo, no que diz respeito ao relacionamento com Deus.

O Jesus ficcional de José Saramago possui uma identidade única e própria, que o diferencia do Jesus transmitido pela tradição cristã, fundamentada nos textos do

<sup>43</sup> Id. Ibid., p.55.

<sup>44</sup> Id. Ibid., p. 56.

<sup>45</sup> DIAS NOGUEIRA, E. “O autêntico Evangelho e sua contrafacção”. Homilia do Arcebispo de Braga proferida no dia 24/05/1992. In. MENDES VIEIRA, M. Ibid., pp. 9-12.

Novo Testamento<sup>46</sup>: ele é um ser humano que tem o destino predestinado por Deus e do qual é impossível fugir. Ao contrário do Jesus dos evangelhos canônicos, o Jesus de Saramago é descaracterizado em sua humanidade devido sua filiação divina. Este Jesus é um ser humano instrumentalizado por Deus. A sua “divindade” se apresenta como algo que obstaculiza a sua humanidade.

Para caracterizar o Jesus de Saramago iremos levar em conta as suas duas dimensões: a humana e a “divina”.

### 1.2.1. A humanidade

Para mostrar que a relação com Deus é prejudicial ao ser humano, José Saramago acentua em Jesus as características humanas. Ele mostra que seu Jesus é bem humano. Ele busca tornar o seu Jesus mais próximo de nossa humanidade, mais parecido conosco que o Jesus bíblico, que na verdade é uma interpretação teológica, fundamentada no dado da ressurreição, da vida do homem Jesus de Nazaré. Por isso, baseado nos evangelhos oficiais, Saramago constrói o seu Jesus como um homem-não-perfeito em oposição ao Jesus humano-perfeito da revelação bíblico-cristã. A não ser por ter sido escolhido por Deus para realizar um projeto seu, o Jesus de Saramago não se diferencia dos outros homens. É um Jesus cheio de sentimentos, de vontades, de questionamentos e dúvidas, limites e pecados tal como todos os humanos.

---

<sup>46</sup> É bem verdade que o Novo Testamento não nos apresenta uma única imagem de Jesus, mas uma pluralidade. Ou seja, cada livro do texto neotestamentário que faz referência a Jesus o apresenta de uma forma própria e particular de acordo com a interpretação de fé que os autores destes fizeram de sua pessoa. Os evangelhos, por exemplo, cada um apresentam Jesus de uma maneira diferente. Veja sobre isso o excelente trabalho: SCHNACKENBURG, R. **La persona de JesuCristo: reflejada em los cuatro evangelios**. Barcelona: Herder, 1998. No entanto, todos os evangelistas e escritores do NT partem de um dado seguro para a apresentação de Jesus, o dado da fé na ressurreição de Jesus crucificado. Saramago, obviamente, não parte desse dado nem muito menos de um estudo científico do Jesus histórico, mas simplesmente apresenta o seu Jesus, que é resultado de sua imaginação de escritor e de ateu.

### 1.2.1.1. Humano como os outros

Logo no início do romance, no capítulo 2, para afirmar a humanidade do seu Jesus, Saramago nega a concepção deste como obra do Espírito Santo no ventre virginal de Maria<sup>47</sup>, tal como a reflexão de fé dos primeiros cristãos acabou supondo para resguardar a origem divina de Jesus<sup>48</sup>. No romance, Jesus é concebido como todos os seres humanos. Ele é fruto da relação sexual entre José e Maria.

“Sem pronunciar palavra, José aproximou-se (de Maria) e afastou devagar o lençol que a cobria. Ela desviou os olhos, soergueu um pouco a parte inferior da túnica, mas só acabou de puxá-la para cima, à altura do ventre, quando ele já vinha debruçando e procedia do mesmo modo com sua própria túnica...Deus, que está em toda parte, estava ali, mas, sendo aquilo que é, um puro espírito, não podia ver como a pele de um tocava a pele do outro, como a carne dele penetrou a carne dela, criadas uma e outra para isso mesmo, e, provavelmente, já nem lá se encontraria quando a semente sagrada de José se derramou no sagrado interior de Maria...”<sup>49</sup>

A concepção de Jesus não tem nenhuma influência divina. A origem da vida de Jesus está na relação entre José e Maria e na fertilidade de ambos. Sem a relação entre os dois a vida de Jesus seria impossível e inconcebível. A origem de Jesus é apresentada como verdadeiramente humana, sem nada, a princípio, de divino<sup>50</sup>.

O nascimento de Jesus também é apresentado como um acontecimento comum e normal, o que contradiz relatos fantasiosos de alguns evangelhos apócrifos<sup>51</sup>. Para Saramago, “o filho de José e de Maria nasceu como todos os filhos dos homens, sujo do sangue de sua mãe, viscoso das suas mucosidades e sofrendo em silêncio”<sup>52</sup>.

<sup>47</sup> Sobre a questão da concepção virginal de Jesus confira uma apresentação da problemática em: SESBOUÉ, B. **Pedagogia do Cristo: Elementos de uma cristologia fundamental**. São Paulo: Paulinas, 1997, pp. 233-263; Id., **Creer: Invitación a la fé católica para las mujeres y los hombres del siglo XXI**. Madrid: San Pablo, 2000, pp. 381-399; BROWN, R.E. **The virginal conception and bodily resurrection of Jesus**. Nova York: Paulist Press, 1973.

<sup>48</sup> Cf. Mt 1,18-25; Lc 1,26-38.

<sup>49</sup> SARAMAGO, J. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 26ª ed., 2001, pp. 26-27. Todas as citações feitas nesta dissertação terão como referência única esta edição.

<sup>50</sup> É bem verdade que Saramago depois, para afirmar a filiação divina de Jesus, revela a participação de Deus na relação entre José e Maria. Cf. Id. *Ibid.*, p. 311 e também p. 366.

<sup>51</sup> A respeito das fantasias sobre o relato do nascimento de Jesus, confira: Papiro Bodmer, Proto-Evangelho de Tiago, Evangelho do Pseudo-Mateus, em: MORALDI, L. **Evangelhos Apócrifos**. São Paulo: Paulus, 1999.

<sup>52</sup> SARAMAGO, J. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**, p.83.



Na construção da humanidade de seu Jesus, Saramago coloca também em relevo que Jesus, sem ter sido nenhum prodígio supra-humano, quando criança, foi igual a todas as criancinhas recém-nascidas. Ele narra, nesse sentido, Maria amamentando o seu filho e toda a satisfação de Jesus em receber o leite e o calor materno, e comenta que Jesus, sem ser diferente do restante da humanidade, quando tiver crescido não mais se lembrará dessa terna experiência:

“...abrindo a túnica (Maria), deu-lhe de mamar, primeiro o seio esquerdo, supõe-se que por estar mais perto do coração...Jesus, dizíamos, suspirou com deliciada satisfação, sentindo na face o suave peso do seio, a humildade da pele ao contato doutra pele. A boca enche-se-lhe do sabor adocicado do leite materno...Crescendo, irá esquecer estas sensações primitivas, a ponto de não poder imaginar que as tivesse experimentado, é assim com todos nós, onde quer que tenhamos nascido, de mulher sempre, e seja qual for o destino que nos espera.”<sup>53</sup>

Ainda dando relevo a semelhança de Jesus com as demais crianças, Saramago narra que Jesus engatinhava, chorava e babava. Nele não havia absolutamente nada que o distinguisse das demais crianças, a não ser, ser filho de Maria de Nazaré.

“Maria olha o seu primogênito, que por ali anda engatinhando como fazem todos os crios humanos, na sua idade, olha-o e procura nele uma marca distintiva, um sinal, uma estrela na testa, um sexto dedo na mão, e não vê mais dos que uma criança igual às outras, baba-se, suja-se e chora como elas, a única diferença é ser seu filho...”<sup>54</sup>

O Jesus de Saramago, contrariando alguns relatos fantasiosos dos evangelhos apócrifos, que com certeza Saramago teve contato<sup>55</sup>, tem uma infância normal e é um menino semelhante a todos os outros: vive com os pais<sup>56</sup>, brinca com os irmãos<sup>57</sup>, é instruído na religião judaica<sup>58</sup>, trabalha e aprende o ofício do pai<sup>59</sup>, e, além disso, é um menino que tem uma boa memória<sup>60</sup> e sabe argumentar com lógica<sup>61</sup>.

José Saramago faz referência também, de forma rápida, ao desenvolvimento do corpo de Jesus. Isso para mostrar que seu Jesus passa pela adolescência e sofre no

<sup>53</sup> Id. Ibid., p.89.

<sup>54</sup> Id. Ibid., p.127.

<sup>55</sup> José Saramago utilizou algo dos evangelhos apócrifos em sua obra. A parteira Zelomi que ajuda Maria no nascimento de Jesus, e o nome dos irmãos de Jesus, são provas dessa influência apócrifa. Zelomi aparece no Proto-Evangelho de Mateus e o nome dos filhos de José aparecem no Código H da História de José Carpinteiro. Cf. MORALDI, L. Ibid. Entretanto, Saramago não vai na linha dos apócrifos utilizando da fantasia para afirmar a todo custo a divindade de Jesus.

<sup>56</sup> Cf. SARAMAGO, J. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**, capítulos 9 e 10.

<sup>57</sup> Cf. Id. Ibid., p. 148.

<sup>58</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 132 e 144.

<sup>59</sup> Cf. Id. Ibid., p.143.

<sup>60</sup> Cf. Id. Ibid., p. 132.

<sup>61</sup> Cf. Id. Ibid., p. 144.

corpo tudo aquilo que essa fase de desenvolvimento implica, assim como acontece com todas as outras pessoas que estão nessa fase ou passaram por ela:

“...numa idade de tão grandes mudanças físicas e fundamentais, ele (Jesus) é o corpo que cresce desta desatinada maneira, ele é a barba que começa a sombrear uma pele já de si morena, ele é a voz que se torna funda e grossa como uma pedra rolando pela aba da montanha, ele é a tendência para o desvanecimento e o sonhar acordado...”<sup>62</sup>

Saramago não esquece de explorar também a sexualidade de seu Jesus. Com a intenção de revelar uma verdadeira semelhança do seu Jesus com os homens, o autor do romance destaca Jesus enfrentando a força dos seus instintos naturais. No romance, flagramos, para desespero e escândalo de alguns cristãos mais piedosos, Jesus que fica excitado e que pensa em se masturbar só por imaginar uma mulher tomando banho nua num rio.

“O corpo de Jesus deu um sinal. Inchou no que tinha entre as pernas, como acontece a todos os homens e animais, o sangue correu veloz a um mesmo sítio, a ponto de lhe secarem subitamente as feridas, Senhor, que forte é esse corpo, mas Jesus não foi dali à procura da mulher, e as suas mãos repeliram as mãos da tentação violenta da carne (...) Pelo caminho não vem ninguém, Jesus olha ao redor, suspira, busca um recanto escondido e para lá se encaminha, mas de súbito pára, lembrou-se a tempo de que o Senhor tirou a vida a Onan por derramar o seu sêmen no chão”<sup>63</sup>.

Essa excitação sexual de Jesus não aparece no romance uma única vez, mas aparece novamente quando Jesus, que estava com um ferimento no pé, é socorrido por Maria de Magdala. O fato de Maria de Magdala se encostar em Jesus e se abraçar a ele para o ajudar a caminhar, deixa Jesus excitado<sup>64</sup>, o que revela um despertar da masculinidade de Jesus diante da presença feminina. Todavia, Saramago não pára por aí. Ele faz Jesus ter a sua primeira relação sexual com uma mulher, no caso, Maria de Magdala<sup>65</sup>. A narração desse acontecimento, que é de uma beleza ímpar, parece querer mostrar que Jesus é realmente um homem que assume aquilo que é próprio e normal da sua condição humana, aqui, o amor por uma mulher e, como consequência deste, o sexo. O interessante é que Saramago não vulgariza esse relacionamento entre Jesus e Maria de Magdala. Ele o apresenta de uma forma muito humanizadora. A

<sup>62</sup> Id. Ibid., p.228.

<sup>63</sup> Id. Ibid., p.271.

<sup>64</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 277-278

<sup>65</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 279-284.

relação entre os dois não é somente genital, mas uma relação que envolve a complexidade e totalidade de ambos, pois é permeada de afetos, de carícias e, enfim, de amor. Tanto é, que depois disso Maria de Magdala deixa de ser prostituta e passa a assumir um compromisso de amor e fidelidade com Jesus, e este com ela.

Na dinâmica da caracterização da humanidade de Jesus, Saramago não esquece de apresentar o seu Jesus como uma pessoa que também experimenta tensões e conflitos no relacionamento com os outros, de forma especial com sua família e, sobretudo, com sua mãe. Depois da morte do seu pai José, Jesus começa a se revelar como um menino com sentimentos de frieza para com sua mãe<sup>66</sup> até chegar, quando adulto, a total indiferença com relação a ela<sup>67</sup>. A tensão no relacionamento com Maria de Nazaré e seus irmãos, que não acreditam que Jesus tenha visto Deus, faz desse mesmo Jesus uma pessoa totalmente amargurada, carente de amor e de aceitação. Isso é utilizado por Saramago para mostrar que seu Jesus é tão humano quanto os outros, pois é suscetível de possuir não somente sentimentos bons, mas também os sentimentos negativos.

Jesus é um personagem marcado profundamente por um sentimento de abandono e solidão. Uma das provas disso é comentário que o próprio Saramago faz de Jesus depois que este tem uma conversa tensa com sua mãe:

“...Jesus, de joelhos, gritou, e todo o seu corpo lhe ardia como se estivesse a suar sangue, Pai, meu pai, porque me abandonastes, que isto era o que o pobre rapaz sentia abandono, desespero, a solidão infinda de um outro deserto, nem pai, nem mãe, nem irmãos, um caminho morto de principiado”<sup>68</sup>.

O sentimento de solidão e de abandono aparece como uma constante na vida desse Jesus. Em todo romance, Saramago comenta, pelo menos seis vezes, a presença desses sentimentos em Jesus<sup>69</sup>. E o interessante é que quatro desses comentários são feitos depois do encontro de Jesus com Deus, o que revela que Deus não é uma presença paterna e amiga para Jesus.

<sup>66</sup> Cf. Id. Ibid., final do cap. 12, pp. 187-188.

<sup>67</sup> Cf. Id. Ibid., final do cap. 20, pp. 343-347.

<sup>68</sup> Id. Ibid., p.189.

<sup>69</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 189, 234, 269, 298, 303 e 338.

José Saramago acentua as características humanas em Jesus para mostrar que o seu Jesus é como uma pessoa normal e imperfeita como todas as outras da face da terra. Com isso ele quer afirmar que seu Jesus é humano mesmo; é pessoa chamada a se construir. Ele acentua a humanidade de Jesus para mostrar o estrago que Deus faz no ser humano, pois Jesus tem sua identidade roubada por Deus.

#### **1.2.1.2.**

#### **O sentimento de culpa**

José Saramago apresenta em seu evangelho outro elemento que rompe radicalmente com os esquemas narrativos tradicionais sobre a vida de Jesus: a culpabilidade.

Jesus sofre em toda estória com um sentimento de culpa ou de remorso, que não é consequência de nenhum ato seu, mas sim consequência de um ato egoísta de seu pai José. A culpa de Jesus está ligada à culpa de José. Essa culpa é a da omissão. A história sobre a origem da culpa de José é a seguinte. José, que estava trabalhando como carpinteiro no templo de Jerusalém, pára para o almoço e aproveita a hora do descanso para fazer um passeio pela construção. Num determinado momento, José escuta a conversa de três soldados sobre a execução de crianças, com menos de três anos de idade, em Belém, por ordem do rei Herodes. José, na intenção de salvar o seu filho de tal matança, sai correndo desesperadamente e não tem a menor preocupação em avisar os outros pais de Belém a respeito do ataque contra os seus filhos. E assim o massacre acontece. Vinte e cinco crianças são mortas devido a omissão, o egoísmo e a covardia de José<sup>70</sup>, segundo o juízo de Saramago.

Por causa de sua omissão, José tem a vida consumida pelo sentimento de culpa, que se manifesta através de um único pesadelo que José sonha todos os dias até a sua morte. José sonha que é um soldado de Herodes que vai a Belém, armado de lança e espada matar o seu filho Jesus<sup>71</sup>. Tal pesadelo transforma José numa pessoa triste, amargurada e indiferente<sup>72</sup>. Tudo isso acontece porque José se sente

<sup>70</sup> Cf. Id. Ibid., cap. 8, pp. 105-120.

<sup>71</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 118-119.

<sup>72</sup> A esse respeito narra Saramago: "...uma coisa era a sua antiga compostura, a gravidade e ponderação com que buscava compensar os seus poucos anos, outra coisa, muito diferente, pior, é esta expressão

responsável pelo sacrifício dos inocentes, porque ter deixado morrer os aqueles infantes é o mesmo que tê-los ele próprio matado.

Depois da morte de José, Jesus herda o sentimento de culpabilidade do pai, como se a culpa fosse algo hereditário. Tal como José, Jesus sofre com um pesadelo que é manifestação do seu permanente sentimento de culpa. Jesus sonha que é uma criancinha daquelas de Belém que é assassinada pelo seu próprio pai José, que aparece no sonho, como sendo um soldado de Herodes. Isso mostra que Jesus se sente responsável também pelo massacre das crianças de Belém.

Devido ao sentimento de culpa e o tormento diário do pesadelo, Jesus é um personagem sofrido e sempre triste. Seus olhos, que têm “um contínuo, húmido e desolado brilho, como se, em cada momento, tivesse acabado de chorar”<sup>73</sup>, revelam o quanto de sofrimento Jesus vive por causa do sentir-se culpado pelo infanticídio de Belém.

Mesmo tendo o pesadelo com o pai desaparecido, depois de um sonho misterioso, no qual Jesus se reconcilia com José<sup>74</sup>, Jesus é marcado pelo sentimento de culpa até o momento da morte. Isso porque ele se sente culpado pela morte das vinte e cinco crianças, e, também, pela quantidade imensa de mortes e sofrimentos que irá acontecer no futuro depois de sua morte como filho de Deus, visto que muitas pessoas vão renunciar à vida em seu nome<sup>75</sup>.

Entretanto, o sentimento de culpa possui um aspecto positivo. É por causa da culpa que Jesus vai à procura da verdade sobre a sua existência. Questiona sua mãe a respeito do sentido do seu sonho<sup>76</sup>. Questiona também um escriba sobre a hereditariedade da culpa e fica sabendo que “culpa é um lobo que come o filho depois de ter devorado o pai”<sup>77</sup>. Vai a Belém, onde adquire consciência da responsabilidade

---

de amargura que prematuramente lhe está cavando rugas...Mas o que há de realmente inquietante no rosto de José é a expressão de seu olhar, se não seria mais exato dizer a falta de expressão...José não dorme. O sono é seu inimigo de todas as noites, com ele tem e lutar como pela própria vida, e é uma guerra, que sempre perde...” Id. Ibid., pp. 122-123.

<sup>73</sup> Id. Ibid., p. 223 e cf. p. 307.

<sup>74</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 297-298.

<sup>75</sup> Confira a narração: “...Jesus disse, Eu sou o pastor que, com o mesmo cajado, leva ao sacrifício os inocentes e os culpados, os salvos e os perdidos, os nascidos e os por nascer, quem me libertará desse remorso, a mim que me vejo, hoje, como meu pai naquele tempo, mas ele é por vinte vidas que responde, e eu por vinte milhões”. Id. Ibid., p. 404.

<sup>76</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 185-189 (final do cap. 12)

<sup>77</sup> Id. Ibid., p. 213.

do seu pai na morte das crianças inocentes<sup>78</sup>. O sentimento de culpa é o elemento que desinstala o personagem Jesus fazendo-o ir em busca do sentido de sua existência até a assumir a sua missão com filho de Deus.

Mediante o sentimento de culpa, o nosso autor, enfatiza a humanidade de Jesus sob duas perspectivas: sob o senso de responsabilidade que o seu Jesus possui e que suscita a culpa, pois se Jesus não se preocupasse com a consequência de seus atos esse sentimento não existiria; e sob o sentimento negativo de tristeza, que como consequência da culpa, é uma constante na vida de Jesus. Mediante o sentimento de culpa, Saramago, ressalta no seu Jesus dois sentimentos muito humanos, um positivo, que é o da responsabilidade e, outro negativo, que é o da tristeza.

### 1.2.2.

#### A “divindade” e a filiação divina

O Jesus de José Saramago não se apresenta somente como humano, mas também como “divino”, pois ele é o “filho de Deus”. Na verdade, Jesus não é apresentado como divino como Deus. José Saramago nos apresenta um Jesus humano que tem filiação divina. O seu Jesus é “filho de Deus”, mas esta condição não é garantia de divindade. Divino no romance é somente Deus. Jesus, como não é o Filho encarnado, consubstancial ao Pai, tal como professa a fé cristã a respeito de Jesus crucificado-ressuscitado, é humano simplesmente, mas um humano que nasce de uma ação de Deus e que é capaz de realizar alguns prodígios surpreendentes que os outros não podem realizar, tais como, fazer os peixes aparecerem onde não havia mais esperança em encontrá-los<sup>79</sup>, acalmar uma tempestade<sup>80</sup>, curar alguns doentes, expulsar demônios<sup>81</sup>, multiplicar pães e peixes<sup>82</sup>, transformar água em vinho<sup>83</sup>. A

<sup>78</sup> Confira a narração de Saramago a esse respeito: “...pagam os pais pelas culpas que tiverem, os filhos pelas que vierem a ter, assim me foi explicado no Templo, mas se a vida é uma sentença e a morte uma justiça, então, nunca houve no mundo gente mais inocente que aquela de Belém, os meninos que morreram sem culpa e os pai que essa culpa não tiveram, nem gente mais culpada terá havido que meu pai, que se calou quando deveria ter falado, e agora este que sou, a quem a vida foi salva para que conhecesse o crime que lhe salvou a vida, mesmo que outra culpa não venha a ter, esta me matará”. Id. Ibid., p.223.

<sup>79</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 274-276.

<sup>80</sup> Cf. Id. Ibid., p. 336.

<sup>81</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 352-354.

<sup>82</sup> Cf. Id. Ibid., p. 361.

<sup>83</sup> Cf. Id. Ibid., p.346.

filiação divina, portanto, se fundamenta na concepção de Jesus e no seu poder de realizar prodígios. No entanto, essa filiação divina nada têm a ver com divindade. Em outras palavras, o Jesus de Saramago é o “filho de Deus”, não por sua divindade ou por ser consubstancial ao Pai, mas porque nasce da intervenção de Deus e porque é um milagreiro a serviço de Deus<sup>84</sup>. No fundo, a filiação divina aparece como algo que atrapalha a vida do ser humano Jesus.

#### 1.2.2.1.

##### **A concepção divina**

No segundo capítulo de seu romance, Saramago narra a concepção de Jesus como consequência do relacionamento sexual entre José e Maria. Partindo somente dessa narração podemos afirmar que Saramago quer apresentar um Jesus humano, que é concebido como todas as pessoas, sem a intervenção direta de Deus. No entanto, Saramago nos apresenta bem mais a frente da sua história, no capítulo dezoito, que houve sim uma ação de Deus na concepção de Jesus.

Para afirmar que Jesus é “filho de Deus”, nosso autor, inventa uma participação de Deus na concepção de Jesus. Deus aproveita uma relação sexual entre José e Maria e mistura o seu sêmen com o sêmen de José para engravidar Maria.

“Deves saber, ó Maria, que o Senhor pôs a sua semente de mistura com a semente de José na madrugada em que concebeste pela primeira vez, e que, por conseguinte e consequência, dela, da do Senhor, e não da do teu marido, ainda que legítimo, é que foi engendrado o teu filho Jesus.”<sup>85</sup>

Jesus é o “filho de Deus” porque é concebido por Deus. Deus, para ser pai de Jesus, utiliza uma forma desconcertante de inseminação. Ele aproveita a ação sexual de José para inseminar Maria com a sua semente de vida e não com a de José. Jesus, portanto, é concebido por Deus através da relação sexual entre José e Maria. De uma

<sup>84</sup> O que quero afirmar com tudo isso é que a filiação divina do Jesus de Saramago é uma negação completa da realidade da encarnação de Deus, mediante a pessoa de Jesus Cristo. O Jesus romanceado não é o Filho encarnado, pois não existe nele nenhuma referência a preexistência. Nem tão pouco, o Jesus de Saramago participa da divindade de Deus por ser seu filho. Muito pelo contrário, a filiação divina de Jesus, em Saramago, além de negar a sua divindade, acaba negando também a sua humanidade, visto que, por ser filho de Deus, Jesus é usado, como aprofundaremos no quarto item deste capítulo, como um joguete nas mãos de um Deus preocupado somente com o aumento de sua influência no mundo.

<sup>85</sup> Id. Ibid., p.311.

certa maneira, o Jesus de Saramago possui filiação divina e humana, pois é filho de Deus e também filho de Maria e de José.

No capítulo vinte e um, Saramago mais uma vez retoma a idéia da concepção divina de Jesus. Dessa vez, é o próprio Jesus que fica sabendo pela boca do próprio Deus que ele é o seu filho. Essa revelação da filiação divina acontece no diálogo entre Jesus e Deus numa barca.

“Bem vês, eu tinha misturado a minha semente na semente de teu pai antes de seres concebido, era a maneira mais fácil, a que menos dava nas vistas, E estando as sementes misturadas, como podes estar certo de que sou teu filho, É verdade que nestes assuntos, em geral, não é prudente mostrar certeza, ainda menos absoluta, mas eu tenho-a, de alguma coisa me serve ser Deus.”<sup>86</sup>

Nesse trecho, mais uma vez, é explicada por Saramago o sentido da filiação divina de Jesus. Nosso autor enfatiza que Jesus é filho de Deus simplesmente porque Deus colaborou na sua concepção. Ele chega até falar, em outro momento da narração, pela boca do personagem Deus, que Jesus é o filho de Deus, porque se “encarnou”<sup>87</sup>. Isso, no entanto, não tem sentido, pois o Jesus de Saramago não se apresenta em momento algum como o Filho preexistente, tal como a fé cristã professa a respeito de Jesus Cristo. Prova disso é a própria negação da preexistência do Filho, por parte de Saramago, quando solta pela boca de Deus a seguinte afirmação, “Como não tinha nenhum (filho) no céu, tive de arranjá-lo na terra...”<sup>88</sup>.

#### **1.2.2.2. A missão**

A filiação divina implica uma missão. No romance de Saramago, Jesus é concebido para assumir uma missão imposta por Deus. Essa missão consiste em ampliar os domínios ou a influência de Deus, que quer deixar de ser o deus dos judeus para ser o deus dos católicos<sup>89</sup>. Para realizar tal projeto ambicioso, Jesus terá que morrer na cruz como filho de Deus, pois, segundo o personagem Deus, o papel de

<sup>86</sup> Id. Ibid., p.366.

<sup>87</sup> “(Diz Jesus) Tinhas dito que não sou um homem, (Responde Deus) E confirmo-o, poderemos é dizer que, qual é a palavra técnica, podemos dizer que encarnaste,”. Id. Ibid., p. 368.

<sup>88</sup> Id. Ibid., p.366.

<sup>89</sup> Cf. Id. Ibid., p.370.



mártir ou de vítima “é o que de melhor há para fazer espalhar uma crença e afervorar uma fé”<sup>90</sup>, quanto mais se a vítima for o filho de Deus.

A condição, no entanto, na estória de Saramago, para que o projeto de Deus seja realizado com sucesso é o de Jesus ser reconhecido, por onde passar, como sendo o filho de Deus. Mas para isso acontecer Jesus terá de se mostrar diferente das demais pessoas. Diferente no sentido de realizar obras prodigiosas que nenhuma outra pessoa possa realizar, e que, portanto, demonstre realmente ser ele “divino”.

Os milagres aparecem como uma forma de demonstrar a filiação divina de Jesus. Isso é demonstrado mais explicitamente no episódio em que Tomé pede uma prova a Jesus para que ele possa acreditar que Jesus seja realmente o filho de Deus. Jesus, para convencer Tomé, pega um pouco de lama, molda alguns pássaros e dá vida a esses pássaros feitos com a lama. Convencido que Jesus é o filho de Deus, devido a realização desse prodígio, Tomé se torna um dos discípulos<sup>91</sup>.

O Jesus de Saramago é um milagreiro. Ele realiza muitos milagres, uns antes de ter consciência de sua missão como filho de Deus e outros, já consciente de sua missão, para demonstrar seu parentesco com Deus.

Antes do episódio do diálogo na barca, Jesus faz muitos prodígios, mas sem conhecer o motivo e o sentido de sua ação<sup>92</sup>. Nessa condição, Jesus realiza os seguintes milagres: a pesca milagrosa, a tempestade acalmada, a água transformada em vinho, a cura da sogra de Simão, uma tempestade dissipada, a expulsão dos demônios de um gadareno, a multiplicação dos pães e dos peixes e a figueira seca.

Depois do diálogo na barca, já sabendo de sua missão como filho de Deus, Jesus realiza outros milagres. Mas agora com a função de despertar nas pessoas a fé nele como o filho de Deus, para que assim, o projeto de Deus, de ampliação do seu poder, possa dar certo. Os milagres realizados com essa intenção, no sentido de dar provas de sua filiação divina, são os seguintes: os pássaros de barro transformados em pássaros vivos, cura de um leproso, cura e perdão de um paralítico, cura de uma enfermidade de Lázaro e cura de um mudo.

<sup>90</sup> Esta frase é proferida por Deus a Jesus no episódio do “diálogo na barca”. Id. Ibid., p.370.

<sup>91</sup> Cf. Id. Ibid., pp.398-399

<sup>92</sup> “Para obrar aquelas coisas, a Jesus bastava querê-lo, mas, se alguém lhe perguntasse para que as fizera, não saberia dar-lhe resposta, ou apenas que assim tinha sido preciso...” Id. Ibid., p. 349.

Além dos milagres, para afirmar a filiação divina de Jesus, fazem parte da missão do filho de Deus, o anúncio do arrependimento e o anúncio da proximidade do reino de Deus. É por isso que, depois do episódio do diálogo na barca, Jesus se torna um anunciador do arrependimento e do reino de Deus.

O anúncio do arrependimento é um elemento central da missão de Jesus determinada pelo próprio Deus. No diálogo na barca, Deus obriga a Jesus anunciar o arrependimento, pois, segundo ele, essa é a única mensagem que pessoa alguma poderá rejeitar, visto que

“a única palavra que nenhum homem pode repelir como coisa não sua é Arrepende-te, porque todos os homens caíram em pecado, nem que fosse uma só vez, tiveram um mau pensamento, infringiram um costume, cometeram crime, menor ou maior, desprezaram quem deles precisou, faltaram aos deveres, ofenderam a religião e os ministros, renegaram a Deus”<sup>93</sup>.

O anúncio do reino de Deus se apresenta como uma mensagem relacionada à mensagem sobre o arrependimento, e como um anúncio transmitido forçadamente por Deus pela boca de Jesus.

“Jesus e os seus iam pelos caminhos e povoados, Deus falava pela boca de Jesus, e eis o que dizia, Completou-se o tempo e o reino de Deus está perto, arrependei-vos e acreditai na boa nova”.<sup>94</sup>

Jesus não realiza a sua missão, como filho de Deus, sozinho. Ele delega aos doze apóstolos a função de fazer tudo aquilo que ele faz, a saber, servir a Deus na realização de seu projeto maquiavélico. Os doze são os mesmos que aparecem nos evangelhos canônicos. Mas, no romance, eles não são escolhidos por Jesus. São eles que se apresentam, saindo do meio de uma multidão, para ser os discípulos de Jesus<sup>95</sup>. Não devemos esquecer que muitas mulheres também se tornam seguidoras de Jesus no evangelho de Saramago<sup>96</sup>.

A missão dos discípulos, designada por Jesus, é a mesma que encontramos nos evangelhos oficiais: ir de dois em dois, anunciando pelas cidades, vilas e aldeias a chegada iminente do reino de Deus; ensinando e pregando por toda parte; curando os

<sup>93</sup> Este é o discurso feito por Deus para Jesus a respeito de sua missão. Id. Ibid., p.376.

<sup>94</sup> Id. Ibid., p. 401.

<sup>95</sup> Cf. Id. Ibid., p. 399.

<sup>96</sup> Cf. Id. Ibid., p. 400.

enfermos, ressuscitando os mortos, limpando os leprosos e expulsando os demônios<sup>97</sup>. Entretanto, diferentemente dos evangelhos bíblicos, onde a missão de Jesus consiste em anunciar e ser sinal do Deus-*Abbá*, o romance mostra que a missão de Jesus e dos seus discípulos consiste em preparar as consciências para que Deus, depois da morte de Jesus, possa ser “adorado” com mais intensidade e, assim, ampliar sua influência.

### 1.2.2.3.

#### A morte como filho de Deus

O Jesus de Saramago assume a sua missão de levar a diante o projeto de Deus: fazer-se reconhecer como “filho de Deus” e depois ser condenado à morte como tal, para suscitar uma nova religião, e, assim, aumentar influência de Deus para além dos limites do judaísmo. Mas isso até certo ponto. É verdade que Jesus não foi um cordeirinho manso. Ele tentou, enganar e estragar o projeto sem-sentido e ambicioso de Deus, mas não conseguiu. Ele planeja ser conduzido à morte, já que dela não teria como escapar, não como o filho de Deus, mas como um revolucionário inimigo do Estado Romano. Jesus se rebela contra Deus.

Durante a realização da sua missão, Jesus vai tomando consciência da consequência que vai trazer a sua morte na cruz, a saber, sofrimentos e mortes no futuro, legitimados em nome de Deus, e, tenta ser condenado por um processo político e não religioso. Jesus faz de tudo para ser condenado à morte como “rei dos judeus”, inimigo do Império Romano, e não como “filho de Deus”<sup>98</sup>. E isso para tentar salvar a humanidade do projeto mesquinho de Deus. Jesus elabora um plano contra Deus. Pede para que Judas saia correndo até o templo de Jerusalém e anuncie que Jesus havia se auto-proclamado “rei dos judeus” e que estava incentivando o povo a destonar Herodes e expulsar os romanos da Palestina. Judas faz o que Jesus pede. Os guardas do templo e os soldados de Herodes aparecem para prender Jesus. Levado para as autoridades religiosas judaicas, Jesus afirma ser o rei dos judeus. Enviado a Pilatos, ele confirma ser o rei dos judeus e diz, para Pilatos, que como rei

<sup>97</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 405-406.

<sup>98</sup> Veja o plano de Jesus. Cf. Id. Ibid., pp. 436-437.

dos judeus irá governar e proteger o seu povo dos romanos e os expulsará da terra da Palestina. Dessa forma, Jesus obriga Pilatos a condená-lo. E o engraçado é que o próprio Jesus, com grande tranquilidade, escolhe ser condenado à morte na cruz, e, ainda, faz um pedido para se colocar sobre a sua cabeça, na cruz, um letreiro informando que ele é o rei dos judeus<sup>99</sup>.

Jesus é crucificado<sup>100</sup>. No momento da crucificação, da colocação do primeiro cravo, como que retrocedendo no tempo, Jesus se vê crucificado no lugar do seu pai José, sentindo as mesmas dores que ele. E assim ele vai morrendo como “rei dos Judeus”. Mas, no último instante, Deus aparece nos céus para afirmar a filiação divina de Jesus e desmentir o motivo de sua condenação. Diz Deus: “Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência”. Com essa afirmação, Deus acaba com o plano que foi arquitetado por Jesus para não morrer como filho de Deus. E Jesus, no seu último instante de vida, toma consciência daquilo que foi toda sua vida, uma história determinada e traçada por Deus desde o início para que ele tivesse aquele fim. Jesus se sente como um cordeiro levado ao sacrifício pela vontade de Deus. E sabendo de tudo o que iria acontecer na história por causa de sua morte, Jesus pede a humanidade para que perdoe a Deus pelo sem-sentido de tudo isso que ele planejou. A humanidade é convidada por Jesus a justificar Deus, o que é absolutamente oposto ao pedido do Jesus da fé cristã, que pede para que Deus perdoe a humanidade porque não sabe o que faz.

O Jesus de Saramago morre na cruz. E morre ainda sem saber o porquê de sua morte e do sentido do projeto de Deus, pois morre sonhando com o seu pai José, que lhe diz, “Nem eu posso fazer-te todas as perguntas, nem tu podes dar-me todas as respostas”. Com isso, Saramago, implicitamente, quer dizer, que não vê sentido algum na morte de Jesus, e, o seu personagem morre da mesma forma. Morre sem saber o sentido da sua própria morte. Mas morre como filho de Deus. O que prova que a filiação divina foi algo extremamente negativo à humanidade de Jesus de Nazaré.

<sup>99</sup> A respeito do diálogo entre Jesus e Pilatos, cf. Id. Ibid., pp. 441-443.

<sup>100</sup> Sobre tudo o que segue a respeito da crucificação de Jesus. Cf. Id. Ibid., p.444.

### **1.3.**

#### **A imagem do Deus de Saramago**

José Saramago nos apresenta no ESJC uma imagem detestável de Deus, construída ao longo dos vinte e quatro capítulos do seu romance. O Deus retratado em sua estória é completamente oposto ao Deus apresentado pelo Jesus da revelação bíblico-cristã. Seu Deus é egoísta, sádico, insatisfeito, indiferente, ávido por poder, ganancioso, cego para as desgraças humanas. Isso porque sua preocupação única é consigo próprio e com o aumento de seu poder sobre o mundo todo. Para esse Deus, “os fins justificam os meios”, isto é, para se tornar um deus universal, este Deus não se preocupa com o modo para alcançar esse objetivo. Prova disso, é a instrumentalização do homem Jesus, que se torna a “vítima sacrificial” para o alargamento do poder de Deus a outras gentes e as outras terras.

No romance, a imagem de Deus, própria de Saramago, é construída a partir de três pontos, a saber, a imagem que os personagens têm de Deus, os comentários do autor a respeito de Deus e o personagem Deus. É partindo desses três pontos que tencionamos, neste item, apresentar a imagem de Deus tal como aparece no ESJC.

#### **1.3.1.**

##### **Deus segundo os personagens do romance**

Alguns personagens do ESJC, ao longo da narrativa, expressam idéias à respeito de Deus. Esse é o caso de José, de Maria de Nazaré, do Diabo, de Maria de Magdala, do próprio Jesus e de alguns outros personagens. Temos ao todo, espalhadas por toda a estória, cerca de mais de cinquenta referências dos personagens a respeito de Deus. Isso comprova que José Saramago se utiliza destes para construir e apresentar a sua imagem de Deus.

#### **1.3.1.1.**

##### **Deus segundo José**

O personagem José, esposo de Maria e pai de Jesus, possui uma visão judaizante de Deus, o que já seria de supor de um personagem que se apresenta como

um judeu dos mais piedosos e justos<sup>101</sup>. Nas suas várias bênçãos, José, expressando sua piedade, já que o judeu deve fazer várias orações ao longo do dia, transmite a idéia de um Deus que provém tudo ao ser humano de uma forma bem organizada. José louva a Deus, que recebe o título de “rei do universo”, quando acorda, agradecendo por este ter restituído ao seu corpo a sua alma<sup>102</sup>. Agradece também a Deus, absurdamente, pela inteligência do galo, que sabe distinguir o dia da noite<sup>103</sup>. Louva a Deus, por ter, em sua sabedoria, feito o homem com orifícios e vasos<sup>104</sup>, e, louva a Deus, depois da relação sexual com Maria, por tê-lo feito homem e não mulher<sup>105</sup>. No final do dia, antes de dormir, agradece a Deus pelo sono e pede a Deus, rei do universo, uma noite tranqüila e o acordar, no dia seguinte, para uma vida feliz e pacífica<sup>106</sup>.

Aparece ainda em José uma outra idéia de Deus, a de que Deus é onisciente com relação à vida das pessoas. Deus sabe tudo o que somos e o que realizamos. Isso é expresso por José nas frases: “Deus conhece todos os meus caminhos e conta todos os meus passos”<sup>107</sup>; “o Deus que tudo vê”<sup>108</sup>; “o Senhor está em toda parte”<sup>109</sup>; e, “testemunha absoluta que Deus é”<sup>110</sup>. Essas expressões apresentam Deus como uma espécie de “vigia” que monitora toda a nossa vida tolhendo nossa privacidade e nossa individualidade.

Além disso, José apresenta Deus como o senhor da vida e da morte, pois Deus é quem sela o dia do nascimento e da morte de cada pessoa<sup>111</sup>. Todo o poder de dispor da vida está em Deus. Ele é o Senhor da vida de cada pessoa<sup>112</sup>. Nesse sentido,

<sup>101</sup> Segundo Saramago, “José é do mais piedoso e justo que em Nazaré se pode encontrar, exato na sinagoga, pontual no cumprimento dos deveres...”. Id. Ibid., pp.29-30.

<sup>102</sup> Cf. Id. Ibid., p. 22.

<sup>103</sup> Cf. Id. Ibid., p. 23.

<sup>104</sup> Cf. Id. Ibid., p.24.

<sup>105</sup> Cf. Id. Ibid., p.27.

<sup>106</sup> Cf. Id. Ibid., p.60-61.

<sup>107</sup> Cf. Id. Ibid., p.58.

<sup>108</sup> Cf. Id. Ibid., p.80.

<sup>109</sup> Cf. Id. Ibid., p. 154.

<sup>110</sup> Cf. Id. Ibid., p. 147.

<sup>111</sup> “O dia do nascimento e o dia da morte de cada homem estão selados e sob a guarda dos anjos desde o princípio do mundo, e é o Senhor, quando lhe apraz, que quebra primeiro um e depois o outro, muitas vezes ao mesmo tempo, com a sua mão direita e sua mão esquerda, e há casos em que demora tanto a partir o selo da morte que chega a parecer que se esqueceu desse vivente”. Id. Ibid., p. 58.

<sup>112</sup> Isso se deduz de um trecho do diálogo entre José e Simeão a respeito de Jesus. Veja: “(Diz Simeão) Não és o único a dispor da vida do teu filho, (Diz José) Sim, todo o poder está no Senhor Deus, ele é o

é Deus o responsável pela morte de cada pessoa. Essa idéia é perigosa, porque pode ser interpretada como se Deus legitimasse todo tipo de morte. E isso não é verdade, pois a morte se apresenta como algo próprio de nossa finitude e não como vontade de Deus.

### 1.3.1.2.

#### Deus segundo Maria de Nazaré

Há poucas referências a Deus da parte de Maria de Nazaré. Encontramos apenas quatro. Mas duas delas muito críticas à figura de Deus.

Duas referências não têm muita relevância para nós. A primeira é um agradecimento, resignado com o machismo, que Maria faz a Deus, depois de uma relação sexual com José, por tê-la feito segundo a sua vontade ou por tê-la feito mulher<sup>113</sup>. A segunda referência é um outro agradecimento que Maria faz a Deus por ele “fazer sair o pão da terra”<sup>114</sup>. As outras duas referências são mais relevantes para nós. Numa, Maria de Nazaré afirma que nada pode se opor a vontade de Deus<sup>115</sup>, e, noutra, afirma que o responsável pelas mortes das crianças inocentes em Belém foi Deus, pois estava em seu poder evitar esse infanticídio se o quisesse<sup>116</sup>. Nestas duas referências, a personagem Maria de Nazaré apresenta uma visão negativa de Deus. Na primeira, Deus é visto como um ditador que impõe a sua vontade a qual ninguém é capaz de se opor. A vontade de Deus parece estar em contraposição à vontade humana. Na segunda, Deus é apresentado como um ser onipotente que pode fazer qualquer coisa, e se não fez nada para salvar as crianças assassinadas em Belém é porque essa era a sua vontade. Aqui é negada a bondade de Deus pela afirmação de sua onipotência.

---

que sabe...Deus quis o que fez e fez o que quis, é nas suas mãos que está o meu filho, eu nada posso”. Id. Ibid., p.64.

<sup>113</sup> Cf. Id. Ibid., p.27.

<sup>114</sup> Cf. Id. Ibid., p.35.

<sup>115</sup> A referência é: “Consente, meu filho, que ao menos eu saiba que nada pode se opor à vontade do Senhor, qualquer que seja, e que se o Senhor teve agora uma vontade e logo a seguir vai ter outra, contrária, nem tu nem eu somos parte na contradição.” Id. Ibid., p. 186.

<sup>116</sup> Essa outra referência é esta: “...se eles morreram foi porque o Senhor assim quis, que estava no seu poder evita-lo se conviesse.” Id. Ibid., p.191.

### 1.3.1.3. Deus segundo Jesus

Nas falas do personagem Jesus de Nazaré encontramos a imagem de Deus bem semelhante àquela manifestada pelo personagem José, a imagem de um Deus que provê tudo, observa tudo e que é o criador de tudo que existe. No entanto, aparece algo novo nesse personagem, como por exemplo algumas idéias depreciativas de Deus.

No evangelho de Saramago encontramos, pelo menos, doze referências de Jesus à figura de Deus. Duas delas são bênçãos e as outras são frases de diálogos.

Numa bênção, tendo aos seus pés o corpo morto de José, Jesus agradece a Deus pela sua justiça que criou, alimentou e manteve a vida de José, e reconhece que Deus é o Senhor que ressuscita os mortos<sup>117</sup>, pois sua justiça fará ressuscitar José. Entretanto, essa afirmação de fé de Jesus, não encontra eco no romance, pois logo após que Jesus profere essa bênção, Saramago escreve que, morto, José “saberá que lugar ocupou verdadeiramente a justiça de Deus na sua vida, agora que nem de uma nem de outra pode esperar mais nada”<sup>118</sup>. Nosso autor põe em questão a justiça de Deus na vida de José e também põe em dúvida a existência da ressurreição. Na outra bênção, Jesus simplesmente agradece a Deus, usando o atributo “rei do universo”, pela restituição de sua alma depois de uma noite de sono<sup>119</sup>.

Numa outra referência, Jesus, no fim do diálogo com a parteira Zelomi, chega a conclusão de que “o ser humano é um simples brinquedo nas mãos de Deus, eternamente sujeito a só fazer o que Deus aprovar, quer quando julga obedecer-lhe em tudo, quer quando em tudo supõe contrariá-lo”<sup>120</sup>. Deus é apresentado como aquele que possui o controle da vida humana, pois tudo o que o ser humano faz não está em oposição aquilo que Deus quer. Isso anula o valor da liberdade humana que é concebida como uma farsa, pois tudo está sob o controle de Deus.

Em uma outra passagem, Jesus afirma, no primeiro diálogo com o Pastor, que “Deus é olho, orelha e língua, vê tudo, ouve tudo e só por não querer é que não diz

<sup>117</sup> Cf. Id. Ibid., pp.172-173.

<sup>118</sup> Id. Ibid., p.173.

<sup>119</sup> Cf. Id. Ibid., p. 203.

<sup>120</sup> Id. Ibid., p.220.



tudo”<sup>121</sup>. Aqui é enfatizada, mais uma vez, a onisciência Deus: Deus sabe tudo e nada nem ninguém pode se esconder de seu “olhar”. Nesse mesmo sentido, Jesus diz a Deus no diálogo na barca, “Sendo Deus, tens de saber tudo”<sup>122</sup>. A onisciência se apresenta como uma característica irrenunciável em Deus.

Neste mesmo episódio da conversa entre Jesus e o Pastor, Jesus faz algumas afirmações, como bom judeu, para defender a Deus das acusações feitas pelo Pastor-Diabo: “A Deus não é permitido mentir”<sup>123</sup>; “Só o Senhor é Deus”<sup>124</sup>; “Deus é uno, completo e indivisível”<sup>125</sup>; “Deus não vive, é”<sup>126</sup>; “Deus não dorme”<sup>127</sup>.

Na narração do primeiro encontro de Jesus com Deus, encontramos uma referência depreciativa de Deus. Jesus diz para Deus, “Tu és o Senhor, sempre vais levando de nós as vidas que nos dás”<sup>128</sup>. Aqui, Deus é apresentado como o responsável pela transitoriedade da vida humana; é o responsável pela existência da morte. Ele dá a vida, mas também a tira.

Num outro momento da narração, talvez para justificar a liberdade de pensamento e a ideologia do autor, José Saramago afirma pela boca de Jesus que Deus nos deu o entendimento para que usássemos segundo o nosso desejo e a nossa vontade<sup>129</sup>. Aqui, Deus é visto como aquele que concede ao ser humano, pelo menos, a liberdade de pensar conforme a sua vontade. O ser humano se apresenta como livre no ato de pensar, pois Deus não interfere no seu entendimento.

Para terminar, a última referência à figura de Deus por parte de Jesus é uma referência, digamos, positiva, “Deus julga-nos a todos e em cada dia nos julgará diferentemente, segundo o que somos em cada dia”<sup>130</sup>. Essa expressão é dita à Marta que tem dificuldade para perdoar Maria de Magdala, agora não mais prostituta, por

<sup>121</sup> Id. Ibid., p.226.

<sup>122</sup> Id. Ibid., p.365.

<sup>123</sup> Id. Ibid., p. 226.

<sup>124</sup> Id. Ibid., p. 233.

<sup>125</sup> Id. Ibid., p. 233.

<sup>126</sup> Id. Ibid., p. 233.

<sup>127</sup> Id. Ibid., P. 233.

<sup>128</sup> Id. Ibid., p. 263.

<sup>129</sup> Diz o texto: “...o Senhor deu-nos pernas para que andássemos e nós andamos, que eu saiba nunca homem algum esperou que o Senhor lhe ordenasse Caminha, com o entendimento é o mesmo, se o Senhor no-lo deu foi para que o usássemos segundo o nosso desejo e a nossa vontade”. Id. Ibid., p. 324.

<sup>130</sup> Id. Ibid., p. 410.

ter saído de casa e vivido na prostituição. A expressão quer afirmar que o que importa é aquilo que somos hoje. Saramago, aqui, não apresenta um Deus que condena a pessoa na sua totalidade por um ato realizado no passado. Ele apresenta um Deus que julga o ser humano a partir daquilo que este cotidianamente vai fazendo de si mesmo.

#### **1.3.1.4.**

#### **Deus segundo Maria de Magdala**

As referências a Deus ligadas à personagem Maria de Magdala são, todas elas, críticas. Em relação a essa personagem, encontramos apenas quatro referências a Deus.

Na primeira referência, Maria de Magdala afirma que “Deus é medonho”<sup>131</sup>. Tal conclusão é consequência do “desprezo de Deus”, ou seja, é consequência da discriminação sofrida por uma mulher e prostituta numa sociedade marcada pelo machismo legitimado em nome de Deus<sup>132</sup>. Aqui é clara a crítica que Saramago faz a legitimação do machismo pela religião. Por isso, é que ele afirma, pela boca de Maria de Magdala, que Deus é medonho, pois em nome de Deus se promove o desprezo, o preconceito e a discriminação das mulheres.

Na segunda referência, Maria de Magdala, conversando com Jesus, afirma que não há como escapar do caminho traçado por Deus, pois “Deus é quem traça os caminhos e manda os que por eles hão-de segui-lo”<sup>133</sup>. Como aqui se pode perceber, Deus é apresentado como um ser que não permite a liberdade humana, pois ele é quem traça o destino de cada um e cada um tem que assumir o seu, visto que não há como escapar a algo que já foi determinado por Deus. Jesus é a expressão do humano escravo do destino escrito por Deus. A frase seguinte de Maria de Magdala, para Jesus, comprova isso, “...melhor seria que aceitasse com resignação o destino que Deus já ordenou e escreveu para ti, pois todos os teus gestos estão previstos...tu estás

<sup>131</sup> Id. Ibid., p. 309.

<sup>132</sup> Tal interpretação parte do texto que afirma: “(Diz Maria de Magdala) Não sei nada de Deus, a não ser que tão assustadoras devem ser as suas preferências como os seus despezos, (Pergunta Jesus) Onde foste buscar tão estranha idéia, (Responde Maria) Terias de ser mulher para saberes o que significa viver com o desprezo de Deus...” Id. Ibid., p. 309.

<sup>133</sup> Id. Ibid., p. 405

obrigado a querer o que Deus quer...”<sup>134</sup>. Isso mostra que o Jesus de Saramago não possui liberdade alguma. Ele tem que fazer o que Deus quer.

A terceira referência é a mais crítica à figura de Deus. Maria de Magdala diz para Jesus que “a única coisa que Deus verdadeiramente não pode, é não querer-se a si mesmo”<sup>135</sup>. A frase é pronunciada como resposta a decisão de Jesus de não levar a diante o projeto de Deus. Tal projeto, como sabemos, envolve mais poderes e domínios para Deus. Aí está envolvido o ser de Deus. Negar esse projeto é algo impossível, pois Deus é um eterno insatisfeito e egoísta, por isso Deus não pode deixar de querer-se a si mesmo, pois se o fizer se anula. Com isso, esse Deus é apresentado como aquele que só se preocupa consigo mesmo e com a realização de sua vontade.

A quarta referência a Deus de Maria de Magdala é uma crítica desta a Deus que priva as mulheres de alguns frutos de sua obra<sup>136</sup>. Mais uma vez, Deus se apresenta como legitimador do machismo, visto que dá privilégios aos homens de poderem gozar de certas realidades que as mulheres não podem. A crítica da personagem Maria de Magdala é novamente contra o desprezo de Deus para com relação às mulheres.

#### **1.3.1.5. Deus segundo o Diabo**

O Diabo, que aparece no romance como Mendigo, Anjo e Pastor, apresenta também, na sua fala, algumas referências críticas à figura de Deus.

No episódio da primeira conversa entre Jesus e o Pastor aparecem algumas afirmações, feitas pelo Pastor-Diabo, a respeito de Deus. A primeira afirmação é a seguinte: “Sim, se existe Deus terá de ser um único Senhor, mas era melhor que fosse dois, assim haveria um deus para o lobo e um deus para a ovelha, um para o que morre e outro para o que mata, um deus para o condenado, um deus para o

<sup>134</sup> Id. Ibid., p. 405.

<sup>135</sup> Id. Ibid., p.405.

<sup>136</sup> O texto é este: “...mas Deus, que fez o mundo, não deveria privar de nenhum dos frutos da sua obra as mulheres de que também foi autor...” Id. ibid., p. 411.

carrasco”<sup>137</sup>. A segunda afirmação é semelhante à primeira: “Não sei como pode Deus viver...o que posso te dizer é que não gostaria de me ver na pele de um deus que ao mesmo tempo guia a mão do punhal assassino e oferece a garganta que vai ser cortada”<sup>138</sup>. Essas duas afirmações apontam para uma crítica à intolerância religiosa que suscita conflitos em nome de um mesmo Deus. José Saramago não compreende porque pessoas se matam por causa de Deus. É por isso que através do personagem Pastor, ele afirma que deveria existir dois deuses, pois para ele é incompreensível que exista um Deus e este nada faça para terminar com os conflitos, e até, guerras, que são travados em seu nome e que geram muitas mortes<sup>139</sup>. O mais coerente seria pensar na existência de dois deuses, uma para aquele que mata e outro para aquele que morre.

O Pastor, ainda no diálogo com Jesus, diz: “Ainda bem que (Deus) não dorme, dessa maneira evita os pesadelos do remorso”<sup>140</sup>. Com essa frase, o personagem Pastor apresenta a idéia de que Deus é o responsável ou o culpado por muitos maus que a humanidade padece, e que Deus é indiferente ao mal que provoca porque não tem sentimento de culpa e nem remorsos. Essa idéia é assumida novamente numa frase do próprio personagem Deus: “Deus é Deus, não tem remorsos”<sup>141</sup>, e é retomada também na frase: “Quando chegará, Senhor, o dia em que virás a nós para reconheceres os teus erros perante os homens”<sup>142</sup>.

Uma outra referência do personagem Pastor à figura de Deus está situada no diálogo da barca. A referência é uma frase central na crítica de Saramago a Deus: “É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue”<sup>143</sup>. Essa afirmação do Diabo, proferida depois de Deus expor toda uma história de mortes e sofrimentos como consequência da morte de Jesus, apresenta a idéia de que Deus é sinônimo de sofrimento, de dor, de sacrifício e de morte. Deus é a negação da vida.

---

<sup>137</sup> Id. Ibid., p.233.

<sup>138</sup> Id. Ibid., p.233.

<sup>139</sup> Essa idéia se confirma numa frase da parteira Zelomi: “Pode bem pouco, afinal, a mão de Deus, se não chega para interpor-se entre o cutelo e o sentenciado”. Id. Ibid., p. 219.

<sup>140</sup> Id. Ibid., p. 233.

<sup>141</sup> Id. Ibid., p. 390.

<sup>142</sup> Id. Ibid., p. 144.

<sup>143</sup> Id. Ibid., p.391.

### 1.3.1.6. Deus segundo outros personagens

Além dos personagens principais há outros personagens que expressam uma idéia de Deus, o que colabora para a construção da identidade do Deus de Saramago. Entre esses personagens podemos elencar: Ananias, o vizinho de José e de Maria; o Escriba do templo; a parteira Zelomi; o Anjo que visita Maria de Nazaré; e, Simão Pedro. Vejamos as referências a Deus relacionadas a esses personagens.

Para o personagem Ananias, Deus é o Senhor que tudo reconhece e remedeia e a ele nada é impossível, porque tudo conhece e tudo alcança<sup>144</sup>. Para a parteira Zelomi, Deus é a causa de tudo o que acontece no mundo, incluindo a morte e o sofrimento, pois “tudo quanto tem acontecido no mundo, mesmo o sofrimento e a morte, só pôde acontecer porque Deus, antes, o quis”<sup>145</sup>; e, para ela, “pode bem pouco, a mão de Deus, pois não chega a interpor-se entre o cutelo e o sentenciado”<sup>146</sup>. Para o Escriba do templo, Deus concede liberdade ao ser humano para que este possa ser castigado<sup>147</sup>; além disso, esse personagem afirma que a vontade de Deus “é o que faz que tudo seja o que é”<sup>148</sup>. Para o Anjo que visita Maria de Nazaré para lhe revelar a filiação divina de Jesus, Deus é “sempre o contrário de como os homens o imaginam...e não saberia viver doutra maneira”<sup>149</sup>, pois de Deus, “a palavra que mais vezes sai da boca não é o sim, mas o não”<sup>150</sup>. Deus, segundo o Anjo, é o “espírito que nega” e é também um tirano, visto que, todos os humanos não passam “de míseros escravos da vontade absoluta de Deus”<sup>151</sup>. Para Simão Pedro, em Deus “moram toda força e todo poder”<sup>152</sup>.

---

<sup>144</sup> Cf. Id. Ibid., p. 47.

<sup>145</sup> Id. Ibid., p. 219.

<sup>146</sup> Id. Ibid., p. 219.

<sup>147</sup> Cf. Id. Ibid., p. 209.

<sup>148</sup> Id. Ibid., p. 212.

<sup>149</sup> Id. Ibid., p. 312.

<sup>150</sup> Id. Ibid., p. 312.

<sup>151</sup> Id. Ibid., p. 314.

<sup>152</sup> Id. Ibid., p.337.

### 1.3.2. Deus segundo os comentários do autor

José Saramago em todo o ESJC faz, como narrador, inúmeros comentários, mais de cinquenta, a respeito de Deus. Tais comentários fazem parte da elaboração da imagem de Deus que o autor quer apresentar na sua obra e, ao mesmo tempo, revelam sua concepção de Deus. Não iremos abordar, neste item, todos os comentários que encontramos do narrador relacionados a Deus. Iremos, sim, trabalhar somente aqueles comentários que consideramos mais relevantes para o momento.

Logo no início da estória sobre Jesus, José Saramago faz um breve comentário sobre Deus. No meio da narração do relacionamento sexual entre José e Maria de Nazaré, o nosso autor define Deus como um “puro espírito” que está presente no momento da relação entre os dois, mas que não pode ver como Maria e José se pertencem um ao outro<sup>153</sup>. Tal comentário é uma forma de afirmar a inoperatividade de Deus na história ou mesmo a sua inexistência, pois se Deus, como puro espírito, não pode ver o que acontece com José e Maria, também não pode fazer nada. E se Deus é assim, viver com Deus ou sem Deus é a mesma coisa, visto que não faz diferença alguma a sua existência ou não.

Num outro comentário, o ateísmo do autor se revela por completo. O comentário é o seguinte:

“...se olharmos com atenção as nuvens do céu, podemos ver a imensa mão (de Deus) que se retira, os longos dedos sujos de barro, a palma onde estão traçadas todas as linhas de vida e de morte dos homens e de todos os outros seres do universo, *mas também, é tempo de que se saiba, a linha da vida e da morte do mesmo Deus*”<sup>154</sup>.

É explícita, nesse comentário, a idéia de que a existência de Deus é dependente da existência humana. Isso porque, segundo Saramago, Deus é uma invenção da imaginação humana. Se o ser humano desaparecer, desaparece também Deus.

“Deus é tanto mais Deus quanto mais inacessível for”<sup>155</sup>. Essa frase, surgida fora de contexto, é mais um dos comentários do narrador a respeito de Deus. Aqui, a

<sup>153</sup> Cf. Id. Ibid., p. 27. O texto já foi transcrito. Veja a transcrição na nota 49.

<sup>154</sup> Id. Ibid., pp. 72-73. O itálico da citação é nosso.

<sup>155</sup> Id. Ibid., p. 100.

identidade de Deus é afirmada pela sua inacessibilidade. Ou seja, quanto menos se saber sobre Deus, mas Deus ele é. Mais uma vez isso se revela como ironia do autor para afirmar a inexistência de Deus enquanto ser independente da imaginação do ser humano, pois se buscamos conhecer a Deus, através da razão científica vamos perceber que ele não existe, pois sua existência não pode ser comprovada<sup>156</sup>. Por isso, para Deus ser mais Deus, mais distante de nossa compreensão ele deve estar.

Em alguns outros comentários, o narrador fica perplexo com os sacrifícios oferecidos a Deus. Narrando sobre esses sacrifícios realizados no templo de Jerusalém, o autor afirma que “uma alma qualquer, que nem precisará ser santa, das vulgares, terá dificuldade em entender como poderá Deus sentir-se feliz em meio de tal carnificina, sendo, como diz que é, pai comum dos homens e das bestas”<sup>157</sup>. Aqui, o autor não compreende o sentido das imolações feitas dos animais a Deus, e, por isso, acaba afirmando, em outros trechos do texto, que esse Deus, para o qual se imola animais, se satisfaz com a fumaça e o sangue dos sacrifícios. Isso é o que podemos perceber nessas outras duas partes da narração:

“A coluna de fumo dos sacrifícios subia a direito para o céu e ia dissipar-se e desaparecer nas alturas, como se a aspirassem os gigantescos foles do pulmão de Deus”<sup>158</sup>; “...as gorduras crepitam, como as carnes rechinam, (e) Deus, nas empíreas alturas, respira, comprazido, os odores da carnagem”<sup>159</sup>.

É, a partir do sem-sentido dos sacrifícios, que Saramago cria, portanto, a imagem de um Deus cruel e sedento por sangue. Isso é comprovado no episódio do encontro entre Deus e Jesus, quando Deus pede para Jesus sacrificar a sua ovelha e Deus suspira de satisfação quando a ovelha é sacrificada<sup>160</sup>.

O narrador apresenta para o leitor uma limitação de Deus, a de não poder evitar a morte. O trecho da narração é o seguinte: “...mas os anjos, mesmo podendo muito, como se tem visto, levam consigo as limitações de nascença, nisso são como *Deus, não pode evitar a morte.*”<sup>161</sup>. Além de não poder evitar a morte, o narrador faz

<sup>156</sup> É bom ter presente aqui que Saramago afirma que só acreditaria em Deus se sua existência pudesse ser comprovada cientificamente ou que fosse ela uma evidência.

<sup>157</sup> Id. Ibid., p.100.

<sup>158</sup> Id. Ibid., p. 213.

<sup>159</sup> Id. Ibid., p.249.

<sup>160</sup> Cf. Id. Ibid., p. 264.

<sup>161</sup> Id. Ibid., p. 126. O itálico da citação é nosso.

referência à existência de um remorso em Deus, que não o deixa dormir<sup>162</sup> pois Deus, no seu desígnio inescrutável e desconcertante, foi capaz de querer e permitir a mais terrível das barbaridades, a saber, a morte das crianças inocentes de Belém. E para completar a crítica aos desígnios de Deus, o narrador sarcasticamente indaga: “Quando chegará, Senhor, o dia em que virás a nós para reconheceres os teus erros perante os homens”<sup>163</sup>. Deus, segundo, essa indagação, portanto, é apresentado como um Deus que precisa dar explicações à humanidade por tudo aquilo de contrário à vida permitiu acontecer na história.

Num outro comentário, Saramago diz que Deus vive um sono letárgico e não nos conhece:

“Fôssemos nós tão imprudentes, ou tão ousados, como as borboletas, falenas e outras mariposas, e ao fogo nos lançaríamos, nós todos, a espécie humana em peso, talvez uma combustão assim imensa, um tal clarão, atravessando as pálpebras cerradas de Deus, *o despertasse do seu letárgico sono, demasiado tarde para conhecer-nos*, é certo, porém a tempo de ver *o princípio do nada*, agora que tínhamos desaparecido”<sup>164</sup>.

Nesse comentário, Saramago afirma a indiferença de Deus pela humanidade através da expressão “sono letárgico”. Deus, aqui para Saramago, é indiferente a tudo o que existe e acontece, e, ao mesmo tempo, nem nos conhece. E isso, porque, seguindo a lógica atêia de Saramago, Deus não existe como ser independente de nós, Deus é uma idéia de nossa cabeça, e, como bem sabemos, uma idéia não pode conhecer ou se relacionar com alguém. É, por isso, que o narrador fala também do “*princípio do nada*” ou implicitamente, da morte de Deus, porque, acabando a espécie humana, Deus acaba junto.

Um outro comentário de Saramago, aponta, implicitamente, para a conclusão de que Deus é solitário em-si, e não é solidário com o ser humano.

“...mas nós aventurar-nos-íamos a supor que exista um sentimento de mais próxima fraternidade entre os que levam nomes iguais, é como imaginamos que se sentirá José quando se lembra do outro José...*o problema de Deus é esse, ninguém tem o nome que ele tem*”<sup>165</sup>.

<sup>162</sup> O texto é este: “O remorso de Deus e o remorso de José eram um só remorso, e se naqueles antigos tempos já se dizia, Deus não dorme, hoje estamos em boa condições de saber porquê, Não dorme porque cometeu uma falta que nem ao homem é perdoável (a morte dos vinte e cinco inocentes de Belém).” Id. Ibid., p. 131.

<sup>163</sup> Id. Ibid., p.144.

<sup>164</sup> Id. Ibid., p. 169. O itálico da citação é nosso.

<sup>165</sup> Id. Ibid., p.330. O itálico da citação é nosso.



Podemos, com tudo isso, observar que Saramago, como narrador, lança na narração de seu ESJC alguns comentários, com a presença de seu ateísmo, que contradizem o dado de fé da existência de Deus, e que deturpam a imagem do Deus revelado pelo Jesus bíblico. De acordo com esses comentários, Deus: é incapaz de agir na história, porque é “puro espírito”; depende do ser humano porque é produto de sua imaginação; se afirma na inacessibilidade; é cruel e sedento pelo sangue dos sacrifícios; é impotente contra a morte; desconhece e é indiferente à humanidade; e, é solitário e não solidário.

### **1.3.3. O personagem Deus**

No ESJC um dos personagens principal é Deus. Nesse personagem, que aparece somente três vezes em toda a estória, encontramos realmente “personificada” a imagem de um deus solitário, antipático, arrogante, distante, pouco preocupado com os humanos, sedento de poder, cruel, desumano e sanguinário. Em outras palavras, esse personagem traduz verdadeiramente aquilo que José Saramago pensa a respeito de Deus. Nossa tarefa aqui será a de descrever o personagem Deus tal como ele vai se apresentando na obra. Isso não será muito complicado, pois Deus, como personagem, só aparece nos dois encontros com Jesus e no momento da morte de Jesus na cruz.

#### **1.3.3.1. O personagem Deus no primeiro encontro com Jesus**

Jesus, com dezoito anos, tem um encontro com Deus. O encontro acontece no deserto quando Jesus sai a procura de sua ovelha. Deus aparece para Jesus na forma “de uma nuvem da altura de dois homens, que era como uma coluna de fumo girando lentamente sobre si mesma”<sup>166</sup> e lhe faz uma proposta, a de trocar a sua vida por poder e glória depois da morte. Jesus inocentemente aceita a proposta. Prova disso é o

---

<sup>166</sup> Id. Ibid., p.262.

pacto que ele estabelece com Deus através do sacrifício de sua querida ovelha perdida e reencontrada.

Nesse episódio, Deus se apresenta como um ser arrogante, sem sentimentos, inescrupuloso, tirano, sedento de sangue. Prova disso são os seguintes argumentos: (1) a sua fala, dirigida a Jesus, é vulgar, visto que não há em suas palavras nada que revele dignidade, e, além disso, são palavras ditatoriais e chantagistas, que revelam frieza, arrogância e nenhuma proximidade paternal a Jesus: “Cala-te, não perguntes mais”, “Não me aborreças”, “Não me contraries, quero esta”, “Sacrifica então ou não haverá aliança”, “Vá, despacha-te, tenho mais que fazer...não posso ficar esperando eternamente”, “Que enfadonho és, homem, que temos mais agora”; (2) se considera todo-poderoso ou o que pode fazer tudo: “Eu sou o Senhor, e ao Senhor nada é impossível”; (3) pede em sacrifício, sem admitir negociação, a ovelha estimada de Jesus; (4) suspira de satisfação quando a ovelha é sacrificada; (5) demonstra grosseria, visto que não responde a uma pergunta que Jesus lhe faz e se despede de Jesus secamente.

### **1.3.3.2.**

#### **O personagem Deus no segundo encontro com Jesus**

O Personagem Deus retorna a aparecer no romance num segundo encontro com Jesus para lhe revelar a sua identidade como “filho de Deus” e a sua missão como mártir, pois terá que morrer na cruz para fazer ampliar os domínios de Deus, que quer ser o deus de um povo mais numeroso que o povo judeu.

Deus, nesse segundo encontro com Jesus, não mais é representado como uma nuvem, tal como aparece no primeiro encontro, mas é agora descrito em formas humanas. Ele é

“um homem grande e velho, de barbas fluviais espalhadas sobre o peito, a cabeça descoberta, cabelo solto, a cara larga e forte, a boca espessa...(e) Está vestido como um judeu rico, de túnica comprida, cor de magenta, um manto com mangas, azul, debruado de tecido de ouro, mas nos pés tem umas sandálias grossas, rústicas, dessas que se diz que são para andar, o que mostra que não deve ser pessoa de hábitos sedentários”<sup>167</sup>.

---

<sup>167</sup> Id. Ibid., p. 364.

Segundo essa descrição fisionômica, Deus é apresentado como uma pessoa idosa e experiente, imponente e diferente pelo jeito abastado de se vestir, e andarilho, por causa das sandálias. Sandálias essas que revelam que esse Deus é indestrutível, pois seus pés não são de barro.

O fato de Deus ser apresentado na fisionomia humana não quer dizer que sua personalidade tenha sido também modificada. Deus continua sendo do jeito que apareceu da primeira vez: arrogante, inescrupuloso, tirano e cruel. No entanto, nessa segunda aparição, ele consegue ser pior, porque a ele podemos acrescentar mais duas características, que antes não estavam tão explícitas, a de “eternamente insatisfeito” e a de “sedento de poder”.

No diálogo da barca, Deus revela para Jesus que a insatisfação existente no coração dos homens foi posta lá, porque também o coração de Deus é insatisfeito. Isso é revelado para Jesus, para que Deus possa explicar o seu projeto, que surge de uma inquietação no seu coração. Deus não está satisfeito com o domínio que tem sobre o povo judeu e deseja ampliar o seu domínio à toda humanidade<sup>168</sup>. O desejo de possuir mais poder ou mais influência surge dessa sua insatisfação divina. Por Deus ser insatisfeito, ele é também sedento de poder.

No personagem Deus, a insatisfação gera a sede de poder e esta gera a indiferença para com o destino de Jesus. Para realizar o seu projeto de ampliar os seus domínios, Deus não se importa com os meios. Ele se utiliza de Jesus não se preocupando com sua pessoa. Para esse Deus, o que importa é o sacrifício de Jesus para que seu plano possa dar certo. Pois, se Jesus é levado ao sacrifício da cruz, como sendo filho de Deus, uma nova religião vai surgir (o catolicismo), e, assim, seu poder se ampliará, visto que deixará de ser o deus dos judeus para ser o deus dos católicos<sup>169</sup>.

A indiferença de Deus para com Jesus se estende também a toda humanidade. Jesus pergunta a Deus, no diálogo da barca, a respeito das consequências da sua

<sup>168</sup> Confira o texto a esse respeito: “...estaria satisfeito (diz Deus) se não fosse este inquieto coração meu que todos os dias me diz Sim Senhor, bonito destino arranjastes, depois de quatro mil anos de trabalho e preocupações, que os sacrifícios nos altares, por muito abundantes e variados que sejam jamais pagarão, continuas a ser o deus de um povo pequeníssimo que vive numa parte diminuta do mundo que criastes com tudo o que tem em acima, diz-me tu, meu filho, se eu posso viver satisfeito tendo esta, por assim dizer, vexatória evidência todos os dias diante dos olhos”. Id. Ibid., pp. 369-370.

<sup>169</sup> Cf. Id. Ibid., p. 370.

morte e Deus afirma que será uma história sem fim de sofrimentos e mortes, porque haverá muitos martírios, renúncias, sacrifícios e guerras, tudo isso em nome e por causa de Deus<sup>170</sup>. Jesus depois de escutar tudo aquilo que seria o futuro, a saber, centenas de milhares de mortes, diz para Deus que não quer fazer parte do seu plano, mas Deus, o obriga a aceitar, pois o sacrifício de Jesus é a condição do poder e da glória de Deus<sup>171</sup>. Assim, Deus, pensando somente em expandir sua influência, não se importa com as mortes e os sofrimentos nem de Jesus nem de todas aquelas pessoas ao longo da história. Deus é indiferente a todos, pois pensa somente em si e no seu poder. Por isso, o egoísmo é outra característica desse personagem.

Ainda, não esquecendo, o personagem Deus, que não é bom em si mesmo, devido a tudo isso que apontamos acima, necessita da existência do Diabo, que é outro personagem que participa do diálogo da barca, para se afirmar como Bem. A existência de Deus necessita da existência do Diabo. Pois Deus só pode ser o Bem com a existência do Diabo que representa o Mal<sup>172</sup>. Todavia, como se pode perceber, no romance, Deus não é bom e nem o Diabo é mau. O Diabo aparece até mais bondoso que Deus. Basta ter presente a narração, na qual o Diabo tenta a Deus para que lhe perdoe, e o aceite novamente no céu redimido, para evitar a morte de Cristo, e, assim, também, evitar a morte e sofrimento de todos aqueles que darão sua vida por causa de Deus, depois de Jesus<sup>173</sup>. Já Deus, aparece mais diabólico e perverso que o próprio Diabo, pois rejeita a proposta do Diabo, que tem a intenção de salvar a

<sup>170</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 380-391. Nessas páginas percebemos uma crítica pesada de Saramago à Igreja Católica, ou melhor, à história que ela ajudou a produzir, pois através de sua intransigência religiosa, em nome de Deus, foi legitimada muitas mortes. Como exemplo disso, basta ter presente, como o próprio Saramago apresenta, as Cruzadas e a Inquisição. E mais ainda. Saramago critica também a Igreja Católica por negar, em nome de Deus, a vida, pois, segundo ele, em nome de Deus se legitimou também o martírio, as renúncias e todos os demais sacrifícios.

<sup>171</sup> Cf. Id. Ibid., p. 391.

<sup>172</sup> Isso aparece claramente no texto numa fala de Deus. Veja: "...este Bem que eu sou não existiria sem esse Mal que tu és, um Bem que tivesse de existir sem ti (sem o Diabo) seria inconcebível, a um tal ponto que nem eu posso imagina-lo, enfim, se tu acabas, eu acabo, para que eu seja o Bem, é necessário que tu continues a ser o Mal, se o Diabo não vive como Diabo, Deus não vive como Deus, a morte de um seria a morte de outro". Id. Ibid., pp. 392-393. Aqui podemos perceber claramente que Saramago postula uma coexistência necessária entre Bem e Mal, entre Deus e Diabo, de tal forma que um só existe com o outro. Por isso, para Saramago, o Bem e o Mal não existem em si mesmos, mas cada um é somente a ausência do outro. Cf. Id. Ibid., p.18.

<sup>173</sup> Cf. Id. Ibid., p. 392.

humanidade, e deseja mesmo que seu projeto para obter mais poder seja realizado, independentemente da quantidade de mortes e sofrimentos que isso vai causar<sup>174</sup>.

O personagem Deus é uma figura diabólica e perversa, que só pensa em si e na extensão do seu poder. Nele não há bondade alguma. Ele só é bom porque, com a existência do Diabo, a ele é associada a bondade e ao Diabo, a maldade.

### 1.3.3.3.

#### O personagem Deus na morte de Jesus

José Saramago na última página do seu evangelho confirma praticamente tudo aquilo que havia retratado, em todo o romance, a respeito do personagem Deus. Lá nas últimas linhas, esse personagem torna a aparecer e aparece para confirmar toda a sua perversidade.

A terceira aparição do personagem Deus acontece no momento da morte de Jesus. Quando Jesus ainda está agonizando na cruz, mas morrendo tranquilo porque havia sido julgado à morte não como “filho de Deus”, mas como “rei dos judeus”, Deus aparece sobre a cruz, tal como havia se revelado para Jesus no diálogo da barca, sob a forma humana, e afirma para todo mundo escutar, que Jesus é o seu filho amado. Com isso, Deus acaba com o plano de Jesus de morrer como “rei dos judeus”. Deus frustra Jesus e este faz a experiência da derrota.

A atitude de Deus, nesse episódio, revela a sua falsidade e sua desumanidade, pois Jesus não havia sido o “filho *amado*” em nenhum momento de sua vida, mas o filho usado e instrumentalizado.

Nessa terceira aparição se confirma tudo aquilo que antes foi dito a respeito do personagem Deus, pois o que continua prevalecendo para ele é a realização do seu projeto de fazer Jesus morrer como seu filho, para assim, expandir os seus domínios. O que lhe importa é a realização de seu plano. Para ele, os fins justificam os meios.

---

<sup>174</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 392-393.

#### 1.4.

#### **A relação entre Deus e Jesus**

Neste item, objetivamos apresentar a relação estabelecida entre Deus e Jesus tal como aparece no ESJC. Desde já devemos ter presente que tal relação é bem diferente daquela estabelecida entre o Jesus e o Deus da revelação bíblico-cristã. Nossa intenção é a de demonstrar que a relação estabelecida por José Saramago entre seu Deus e seu Jesus não é de nenhuma comunhão amorosa, mas uma relação de interesses opostos, pela qual Deus aliena e anula Jesus na sua dignidade de pessoa humana, pois Deus suprime a liberdade de Jesus, como agente construtor de sua existência, e o encaminha forçadamente para a morte de cruz.

Para afirmar que a relação entre Jesus e Deus é desumanizadora para ambos, iremos trabalhar apenas dois pontos, que no fundo estão presentes em todo romance, a saber, a supressão da liberdade de Jesus e a negação de sua vida. É verdade que os dois pontos estão essencialmente relacionados, porque Jesus é uma pessoa com uma existência determinada por Deus para morrer crucificado, mas isso não nos impede de apresentar esses dois pontos isoladamente.

##### 1.4.1.

#### **A supressão da liberdade**

Afirmar que Jesus, no romance de Saramago, seja livre para fazer o que bem quiser de sua vida é um erro grotesco. Não há liberdade alguma em Jesus. Ele é conduzido por Deus ao longo de toda estória. Isso está comprovado nos acontecimentos estranhos, inventados pelo autor, que cercam Jesus desde antes mesmo do seu nascimento até à sua morte. São episódios que revelam que Jesus desde o início de sua história vive sob o domínio de uma força que controla e conduz toda a trajetória de sua vida. Esses acontecimentos são muitos: antes da concepção de Jesus, José observa um céu como nunca vira antes e é atingido por um sopro de vento que lhe desperta o desejo de se relacionar com Maria<sup>175</sup>; antes do nascimento de Jesus, Maria recebe a visita de um anjo que aparece como um mendigo pedindo

---

<sup>175</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 24-26.

comida, este lhe anuncia a sua gravidez e deixa com ela uma tigela com uma terra luminosa<sup>176</sup>; José tem uma visão do mendigo caminhando ao lado de Maria grávida quando iam para Belém para o recenseamento<sup>177</sup>; a visita do Pastor-Diabo, com outros dois pastores, à gruta de Belém para visitar Jesus recém-nascido<sup>178</sup>; o presente que o Pastor-Diabo oferece a Jesus: um pão, símbolo de sofrimento, pois se trata do “pão que o Diabo amassou”; o sonho constante e perturbador que Herodes tem, justamente no tempo em que Maria e José estavam em Belém, de que de Belém sairia o novo rei de Israel<sup>179</sup>; a visita do anjo-Diabo à Maria para falar do destino de Jesus<sup>180</sup>; o aparecimento de uma planta estranha que só tinha caule e folhas e que brotara da tigela com terra luminosa que havia sido enterrada ao lado da porta da casa de José e Maria<sup>181</sup>; os quatro anos de convivência de Jesus com o Pastor-Diabo<sup>182</sup>; os dois encontros de Jesus com Deus<sup>183</sup>; os milagres que Jesus realiza com a força de Deus; e, por fim, a manifestação de Deus no momento da morte de Jesus na cruz<sup>184</sup>.

É certo que o nosso objetivo não é o de apresentar detalhadamente cada um desses episódios que revelam que Deus vai encaminhando a vida de Jesus para um destino por ele determinado. Tal façanha seria a de passar a limpo todo o romance. Só fizemos menção a esses “fatos” para mostrar que a vida de Jesus vai sendo condicionada, direcionada e programada por Deus até a morte de cruz. Nosso objetivo verdadeiramente é o de apresentar a relação estabelecida entre Deus e Jesus depois do episódio do primeiro encontro de Jesus com Deus. Isso para mostrar que Jesus, depois de conhecer a Deus, tem a sua autonomia ou liberdade suprimida por Deus.

<sup>176</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 31-34. Essa *tigela* da qual o texto comenta e que aparecerá várias vezes ao longo da narração simboliza a morte de Jesus. Ela é o lendário Graal, onde se recolherá o sangue derramado de Jesus na cruz (cf. p. 445). A referência contínua da *tigela* revela que a vida de Jesus terá um fim certo: a morte de cruz.

<sup>177</sup> Cf. Id. Ibid., p.65.

<sup>178</sup> Cf. Id. Ibid., p. 84.

<sup>179</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 102-104.

<sup>180</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 114-116.

<sup>181</sup> Cf. Id. Ibid., p.129.

<sup>182</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 225-265.

<sup>183</sup> Jesus tem dois encontros com Deus. Cf. Id. Ibid., pp. 262-264 e pp. 364-393.

<sup>184</sup> Cf. Id. Ibid., p.404.

#### 1.4.1.1. Aliança forçada

O primeiro encontro de Jesus com Deus<sup>185</sup>, que acontece no deserto, resulta numa aliança forçada. Deus obriga Jesus a fazer um pacto com ele, mas um pacto ou aliança unilateral, porque quem estabelece e realiza tal acordo é somente Deus. Jesus não tem como não aceitar. Ele tem que aceitar o acordo com Deus querendo ou não. Isso porque a aliança com Deus, nesse episódio, é uma imposição a Jesus. É uma imposição por vários motivos: (1) Deus, independentemente da resposta de Jesus, vai logo impondo, “venho anunciar-te, para que vás bem dispondo o espírito e o corpo, que é de ventura suprema o destino que estou a preparar para ti”<sup>186</sup>, o que é sinal de que, mesmo não fazendo a aliança consigo, Deus iria instrumentalizar Jesus do mesmo jeito; (2) Jesus não tem conhecimento das intenções e dos planos de Deus a seu respeito. Somente sabe que Deus quer a sua vida em troca de poder e glória, mas não sabe para que finalidade; (3) Deus não revela a Jesus, mesmo esse querendo saber, todas as suas intenções. Simplesmente este diz a Jesus que “não é ainda tempo de o saberes, ainda tens muito que viver...sabê-lo-ás quando chegar a hora de te chamar outra vez...não me perguntes mais, a hora chegará, nem antes nem depois, e então saberás o que quero de ti”<sup>187</sup>; (4) Deus pede que Jesus mate a sua ovelha de estimação como penhor da aliança. Jesus é forçado a matar a sua ovelha, porque Deus a quer. Deus não respeita a vontade de Jesus, que não queria a morte de sua ovelhinha<sup>188</sup>, e o obriga dizendo, “Sacrifica então ou não haverá aliança”<sup>189</sup>.

Nesse episódio do primeiro encontro entre Jesus e Deus, o que podemos perceber é que Jesus não é livre. Ele não realiza a aliança com Deus totalmente consciente do que ela implica. Ele é obrigado a selar a aliança porque assim Deus o quis. A aliança é forçada. O início da relação pessoal entre Deus e Jesus nada tem a ver com uma relação entre pai e filho, tal como foi estabelecida entre Jesus e Deus

<sup>185</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 262-264.

<sup>186</sup> Id. Ibid., p.263.

<sup>187</sup> Id. Ibid., p.263.

<sup>188</sup> “Porque ma vais sacrificar como penhor da aliança que acabo de celebrar contigo, Esta ovelha, Sim, Sacrifico-te outra, vou ali ao rebanho e volto já, Não me contraries, quero esta...” Id. Ibid., p. 264.

<sup>189</sup> Id. Ibid., p. 264.



dos textos neotestamentários: não há amor da parte do pai nem confiança da parte do filho.

#### 1.4.1.2.

#### **Filiação divina, sinônimo de escravidão**

O Jesus de Saramago desconhece ser “filho de Deus” até o momento em que o próprio Deus lhe revela a verdadeira paternidade<sup>190</sup>. Mesmo tendo adquirido um poder para realizar milagres, depois do primeiro encontro com Deus, Jesus não tem consciência nem de sua identidade nem de sua missão. Ele realiza alguns milagres sem saber porque os realiza e se sentindo possuído por um poder que não é seu<sup>191</sup>. A possibilidade de filiação divina só começa a ser pensada por Jesus depois que ele se encontra com o endemoninhado gadareno que lhe diz, “Que queres de mim, ó Jesus, filho do Deus Altíssimo...”<sup>192</sup>. Espantado com a revelação do endemoninhado, Jesus começa a se questionar a respeito de sua identidade pessoal e sente que a sua vida pertence a outro<sup>193</sup>, o que revela que Jesus começa a reconhecer que não possui autonomia. No entanto, é somente no diálogo da barca que Jesus fica sabendo que é o filho de Deus.

A revelação da filiação divina a Jesus por parte de Deus mostra qual tipo de relação se estabelece entre os dois. Jesus é o filho de Deus porque Deus misturou a sua semente, como diz a narração de Saramago, com a semente de José antes da concepção em Maria. E Deus concebeu Jesus porque estava precisando de alguém que o ajudasse aqui na terra<sup>194</sup>. Jesus é o filho de Deus não por ser amado e querido por Deus. É o “filho” para poder ser usado por Deus como um instrumento na realização de seu projeto.

<sup>190</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 365-367.

<sup>191</sup> A esse respeito escreve o autor: “Jesus, como quem acabasse de reconhecer-se noutro, sentiu-se, também ele, como que possuía, possuía de uns poderes que o levariam não sabia aonde ou a quê, mas sem dúvida, no fim de tudo, ao túmulo e aos túmulos.” Id. Ibid., p. 354.

<sup>192</sup> Id. Ibid., p. 354.

<sup>193</sup> “(Simão diz) Nunca imaginávamos que um filho de Deus tivesse querido fazer-se pescador, (Diz Jesus), Já vos disse que não sei se sou filho de Deus. (pergunta Simão) Que és tu afinal. Jesus cobriu a cara com as mãos, buscava nas lembranças do que tinha sido uma ponta por onde começar a confissão que lhe pediam, de súbito viu a sua vida como se ela pertencesse a outro...” Id. Ibid., p. 358. O itálico da citação é nosso.

<sup>194</sup> Cf. Id. Ibid., pp.366-367.

A filiação divina representa a escolha que Deus faz. Deus escolhe alguém, um humano, para realizar algo em seu benefício. Jesus é o escolhido. Ser o filho de Deus é estar a serviço de Deus. Por isso, Jesus não pode ter liberdade. Ele deve fazer aquilo que Deus quer e não o que ele quiser. No texto, essa falta de liberdade de Jesus é explicitamente narrada. Vale a pena transcrever aqui a narração.

“Foste escolhido, não podes escolher, Rompo o contrato, desligo-me de ti, quero viver como um homem qualquer, Palavras inúteis, meu filho, ainda não percebeste que estás em meu poder e que todos esses documentos selados a que chamamos acordo, pacto, tratado, contrato, aliança, figurando eu neles como parte, podiam levar uma só cláusula, com menos gasto de tinta e de papel, uma que prescrevesse sem floreios Tudo quanto a lei de Deus queira é obrigatório, as excepções também, ora meu filho, sendo tu, duma certa e notável maneira, uma excepção, acabas por ser tão obrigatório como é a lei, e eu que a fiz.”<sup>195</sup>

Jesus, como o filho de Deus, é dominado por um poder, do qual não pode fugir. Uma vez sendo o escolhido para ser o filho de Deus e tendo realizado com Deus uma aliança, Jesus não possui liberdade alguma para construir a sua vida. É um escravo da vontade de Deus. Jesus é obrigado a realizar o que Deus quer, pois, como afirma o texto supracitado, o que a vontade de Deus quer torna-se obrigatório no mesmo instante.

A relação entre Deus e Jesus não se apresenta com uma relação de amor comunitário, mas como uma relação utilitarista, na qual Deus obriga a Jesus a ser um servidor de seu poder. A relação não é dialógica. Jesus se encontra dominado por uma força impessoal que suprime toda sua decisão e responsabilidade como pessoa humana. A relação é a de senhor e escravo. Ser filho de Deus é o mesmo que ser escravo de Deus.

#### **1.4.1.3. Missão imposta**

A filiação divina de Jesus implica uma missão. Jesus é o filho de Deus porque foi escolhido para realizar um projeto de Deus. Entretanto, Jesus somente toma conhecimento da sua missão depois de ter realizado muitos milagres. E Quem lhe revela a missão que deverá assumir é o próprio Deus no episódio do diálogo na barca.

---

<sup>195</sup> Cf. Id. Ibid., p. 371.

Filiação divina e missão estão profundamente relacionadas no evangelho de Saramago. Jesus é o filho de Deus para realizar para Deus uma tarefa, a tarefa de o ajudar a ser um deus universal (católico). O papel determinado por Deus a Jesus é o de ser mártir, uma vítima sacrificial, porque segundo Deus, isso é o que há de melhor para fazer espalhar uma crença e afervorar uma fé<sup>196</sup>. Todavia, Jesus não aceita o projeto de Deus. Jesus não quer assumir a missão. Isso está claro quando o personagem Jesus diz para Deus, “Rompo o contrato, desligo-me de ti, quero viver como um homem qualquer”<sup>197</sup>. Jesus quer deixar de ser o filho de Deus e, assim, também, deixar de realizar o projeto egoístico de Deus. No entanto, o querer de Jesus diante de Deus não tem valor algum. A missão é imposta a Jesus. Mesmo Jesus não querendo assumir a missão, ele é obrigado e pressionado a fazer a vontade de Deus.

Jesus tenta várias vezes, durante o diálogo com Deus na barca, através de palavras e ações fugir à missão que Deus lhe determinou, mas não consegue. Na narração, Jesus, depois de ter escutado de Deus que “todo homem é pau para toda colher” e que com ele não seria diferente, meteu os remos na água e tentou voltar para casa, mas não conseguiu porque a barca não havia saído do lugar<sup>198</sup>. Isso mostra que Jesus, por está sob o poder de Deus, não pode fugir de Deus. O próprio personagem Deus revela isso a Jesus, “estás em meu poder, porque tudo quanto não seja uma aceitação tua, humilde e pacífica, desta verdade, é um tempo que não deverias perder nem obrigar-se a perder a mim”<sup>199</sup>. Jesus, entretanto, resiste e afirma que não mais realizará milagres, e, assim, o povo não o reconhecerá como filho de Deus. Mas Deus mostra a Jesus que ele não tem saída, pois quem realiza os milagres não é Jesus e sim Deus.

“Recomeçamos então, disse Jesus, mas toma já nota de que me recuso a fazer os milagres cuja oportunidade me apareça, e, sem milagres, o teu projeto é nada, aguaceiro que caiu do céu e não chegou para matar nenhuma verdadeira sede, Terias razão se fosse na tua mão que estivesse o poder de fazeres ou não fazeres milagres, E não é, Que idéia, os milagres, tanto os pequenos como os grandes, quem os faz sou eu, na tua presença, claro, para que estejas lá a receber os benefícios que me convém...admitindo que levarias por diante essa obstinação contra minha vontade, se fosses por esse mundo, é um exemplo, a clamar que não és o filho de Deus, o que eu faria seria suscitar

<sup>196</sup> Cf. Id. Ibid., p. 370.

<sup>197</sup> Id. Ibid., p. 371.

<sup>198</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 372-373.

<sup>199</sup> Id. Ibid., p. 373.

à tua passagem tantos e tais milagres que não terias outro remédio senão renderes-te a quem tos estivesse agradecendo, e, em consequência, a mim, Logo não tenho saída, Nenhuma”<sup>200</sup>.

Depois de perceber que não há como resistir ao poder de Deus, Jesus aceita assumir a missão. A sua missão consistirá em anunciar o arrependimento, realizar alguns milagres e recorrer à imaginação através de estórias, parábolas e exemplos morais<sup>201</sup> para provar às pessoas que ele é realmente o filho de Deus, e, como tal, morrer na cruz. O ápice da missão será a morte de cruz. E o fundamental, que Jesus seja crucificado como o filho de Deus.

Depois do diálogo de Jesus com Deus e o Diabo na barca, Jesus inicia a missão que Deus lhe impôs. No entanto, na realização dessa missão, Jesus não é o protagonista. É Deus quem realiza os milagres e quem fala através de Jesus. Deus força o agir e a fala de Jesus. Por três vezes, a estória mostra, em momento diferentes, que Deus fala pela boca de Jesus: (1) quando Jesus começa a missão: “Jesus e os seus iam pelos caminhos e povoados, e *Deus falava pela boca de Jesus*, e eis o que dizia, Completou-se o tempo e o reino de Deus está perto, arrependei-vos e acreditai na boa-nova”<sup>202</sup>; (2) quando Jesus anuncia a chegada do reino: “*O Senhor punha na boca de Jesus* certas prometedoras e terríveis palavras, como estas eram, Em verdade vos digo que alguns dos que estão aqui presentes não experimentarão a morte sem ter visto chegar o reino de Deus com todo poder”<sup>203</sup>; (3) quando Jesus pronuncia as bem-aventuranças: Deus “*forçou a língua* (de Jesus) a pronunciar umas outras palavras, com que as lágrimas de felicidade se tornaram em negras lástimas por um futuro negro, Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos expulsarem, vos insultarem e rejeitarem o vosso nome infame, por causa do Filho do Homem”<sup>204</sup>.

Jesus pensa, depois de proclamar as bem-aventuranças, em não mais continuar executando o projeto de Deus, pois ele se considera culpado por estar

<sup>200</sup> Id. Ibid., pp.373-374. Esse trecho do texto mostra que Jesus não possui liberdade alguma nem sequer na realização dos milagres. Tudo o que ele realiza tem um controle divino. Deus condiciona a vida de Jesus para que, até através da realização de milagres, ele desempenhe a sua função e cumpra a sua missão.

<sup>201</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 375-377

<sup>202</sup> Id. Ibid., p. 401. O itálico da citação é nosso.

<sup>203</sup> Id. Ibid., p.403. O itálico da citação é nosso.

<sup>204</sup> Id. Ibid., p. 404. O itálico da citação é nosso.

levando ao sacrifício milhares de vida<sup>205</sup>. Sua intenção é a de abandonar a missão. Chega até a pedir para ser libertado desta carga, porque essa não é a sua vontade<sup>206</sup>. Mas Maria de Magdala pede para que ele se resigne com o destino que Deus lhe reservou, visto ser impossível fugir ao poder de Deus<sup>207</sup>. Diante da evidência exposta por Maria de Magdala, Jesus se resigna. Mas se resigna somente até um certo ponto da estória. Já perto do final da estória, Jesus que não suportava mais sua missão, elaborou um plano com os seus discípulos para ser condenado à morte como “rei dos judeus” e não como “filho de Deus”.

A vontade de Jesus de desistir da missão revela que esta missão não é realizada por Jesus espontaneamente, mas revela que é algo imposto, um fardo, uma obrigação que torna insuportável a vida de Jesus. A imposição da missão a Jesus revela que ele não é livre; é como um escravo da vontade de Deus; uma marionete que Deus manipula como quiser.

Devido a imposição da missão a Jesus por parte de Deus, fica revelada que a relação entre Deus e Jesus é uma relação tensa e conflituosa. Deus busca impor sua vontade a Jesus, e Jesus, por sua vez, não aceita fazer aquilo que Deus quer. Entre os dois não há entendimento nem respeito. Enquanto Deus desrespeita a humanidade de Jesus, negando a ele a liberdade para se fazer como pessoa, no intuito de usá-lo para realizar a sua vontade de ampliar seus domínios, Jesus busca desesperadamente ser autônomo, livre, responsável diante de sua existência e independente do controle de Deus. Existe uma luta de vontades e de vontades opostas nessa relação. A vontade de Deus não é a vontade de Jesus e vice-versa. A vontade de Jesus é a de construir a sua história e a vontade de Deus é a de construir a história de Jesus até a morte de cruz.

<sup>205</sup> Cf. Id. Ibid., p.404.

<sup>206</sup> A frase do texto que expressa isso é: “Que me liberte desta carga, não quero mais”. Id. Ibid., p. 405. É interessante perceber aqui que Jesus considera ser a missão uma carga, que é sinônimo de peso, fardo. Isso mostra que o personagem Jesus assume tal missão obrigatoriamente e não por gratuidade.

<sup>207</sup> A fala de Maria de Magdala mostra o quando Jesus é escravo do destino que Deus lhe preparou: “Deus é quem traça os caminhos e manda os que por eles hão-de seguir, a ti escolheu-te para que abrisses, em seu serviço, uma estrada entre as estradas, mas tu por ela não andarás, e não construirás um templo, outros o construirão sobre o teu sangue e as tuas entranhas, portanto melhor seria que aceitasses com resignação o destino que Deus já ordenou e escreveu para ti, pois todos os teus gestos estão previstos, as palavras que hás-de dizer esperam-te nos sítios aonde terás de ir...” Id. Ibid., p. 405.

### 1.4.2.

#### A negação da vida

Além da negação da liberdade, o Jesus de José Saramago tem a vida negada por Deus. Isso porque a vida de Jesus é tida como uma preparação para a morte. O interesse maior do Deus saramaguiano não está na vida de Jesus, mas na sua morte, pois é na morte de Jesus, como filho de Deus, que se poderá realizar a expansão dos domínios de Deus para além do mundo judaico.

Em todo o ESJC, Jesus vai sendo preparado e conduzido por Deus à morte de cruz. Jesus é apresentado como um cordeiro inocente levado ao matadouro. Ele é o “cordeiro de Deus”, aquele que é levado à morte pelo próprio Deus. A morte de Jesus aparece, portanto, no romance como consequência da vontade de Deus e não como expressão máxima do amor de Jesus pela humanidade ou como consequência da recusa de alguns a proposta de Jesus. Jesus morre na cruz devido a vontade de Deus. E morre para realizar o plano ampliação do domínio de Deus.

Nosso intuito, neste item, é o de apresentar a negação da vida de Jesus por Deus. Para isso, iremos trabalhar somente dois episódios do ESJC onde aparecem com mais evidência a idéia de que Deus planeja a morte de Jesus: o episódio do primeiro encontro de Jesus com Deus<sup>208</sup> e o episódio do diálogo na barca<sup>209</sup>.

#### 1.4.2.1.

##### Aliança de sangue

No episódio do primeiro encontro de Jesus com Deus, nosso autor revela que Deus deseja a morte de Jesus. Isso está claro quando Jesus pergunta a Deus o que Deus quer dele, e Deus responde a Jesus, que um dia vai querer a sua vida em troca de poder e glória<sup>210</sup>. Jesus fica sem entender e Deus fica sem revelar o que realmente deseja de Jesus. Todavia, o sacrifício da ovelha de Jesus, querido por Deus para selar a aliança com Jesus, é uma antecipação do que irá acontecer com Jesus, pois tal como a ovelha foi sacrificada, Jesus também o será.

---

<sup>208</sup> Cf. Id. Ibid., pp.261-264.

<sup>209</sup> Cf. Id. Ibid., pp. 363-393.

<sup>210</sup> Cf. Id. Ibid., p. 263.

O sacrifício da ovelha é revelador do gosto por sangue que Deus tem. Deus gosta tanto de sangue que suspira de satisfação com a morte sacrificial da ovelha de Jesus<sup>211</sup>. Além disso, o sacrifício da ovelha sela uma aliança de sangue entre Jesus e Deus. Jesus, através do sangue derramado da ovelha, passa a pertencer a Deus.

Esse episódio procura mostrar que a relação entre Deus e Jesus não será, ao longo do romance, uma afirmação da vida de Jesus por parte de Deus, mas sim uma preparação de Jesus para a morte, pois da combinação entre o “querer a vida de Jesus” com o “gosto que Deus tem por sangue”, não se pode esperar outra coisa da história que não seja a morte de Jesus desejada por Deus.

#### 1.4.2.2.

#### **“Filho de Deus”, “cordeiro de Deus”**

No episódio do segundo encontro de Jesus com Deus na barca, há novamente a exposição da idéia de que Deus é negador da vida de Jesus. Nesse episódio, Deus revela a Jesus a sua filiação divina. Jesus fica sabendo que é o filho de Deus e busca saber o sentido dessa filiação. Deus afirma que Jesus havia sido concebido na intenção de ajudá-lo na realização de um projeto de expansão dos seus domínios. Jesus questiona a Deus a respeito do seu papel nesse projeto, e Deus responde a Jesus que o seu papel será o de mártir, de vítima sacrificial, pois deverá morrer na cruz, como filho de Deus, para sensibilizar as pessoas e, assim, fazê-las aproximarem-se de Deus, ampliando, conseqüentemente, sua influência para além do mundo judaico.

Segundo esse episódio do diálogo na barca, Jesus é o filho de Deus por dois motivos. (1) é o filho de Deus porque sua vida tem origem em Deus, pois foi Deus quem o concebeu no ventre de Maria; (2) é o filho de Deus para morrer na cruz, visto que é necessário que Jesus morra como filho de Deus para que o plano de Deus possa dar certo. De uma forma ou de outra, a filiação divina de Jesus está relacionada à sua morte ou à negação de sua vida por parte de Deus. Jesus é o filho de Deus para ser sacrificado na cruz conforme a vontade de Deus. Ele é o “cordeiro de Deus”.

No evangelho de Saramago, “filho de Deus” e “cordeiro de Deus” são dois títulos sinônimos, que revelam a mesma coisa, a saber, que Jesus tem a vida orientada

---

<sup>211</sup> Id. Ibid., p. 264.

por Deus para a morte. Isso está explícito no episódio do “diálogo na barca” quando Deus mostra para Jesus que é inútil resistir ao seu domínio.

“Logo não tenho saída, Nenhuma, e não faças como o cordeiro irrequieto que não quer ir ao sacrifício, ele agita-se, ele geme que corta o coração, mas o seu destino está escrito, o sacrificador espera-o com o cutelo. Eu sou esse cordeiro, O que tu és, meu filho, é o cordeiro de Deus, aquele que o próprio Deus leva ao seu altar, que é que estamos preparando aqui.”<sup>212</sup>

O texto revela claramente que Jesus é o “cordeiro de Deus”. Ele, enquanto o filho de Deus, é preparado pelo próprio Deus para a morte. Isso mostra que a vida de Jesus não tem para Deus tanta importância. O que ele deseja é que Jesus cumpra sua obrigação e morra como filho de Deus. A importância que tem a vida de Jesus é relativa. Mais importante, porque tem para Deus valor absoluto, é a realização do projeto de expansão dos seus domínios. A vida de Jesus é negada por Deus para que seu plano possa se concretizar.

A relação entre Deus e Jesus se assemelha a relação entre sacrificador e cordeiro. Deus é o sacrificador que deseja e realiza, para que seu projeto aconteça, a morte de Jesus, o cordeiro. Essa idéia, além de estar presente no diálogo na barca, está presente também na última página do evangelho de Saramago, no episódio da morte de Jesus. Nesse episódio, Jesus vai morrendo lentamente na cruz quando Deus aparece no céu anunciando para todas as gentes que Jesus é o seu filho amado. Deus, com isso, acaba com o plano de Jesus, que estava dando certo até então, de ser crucificado como “rei dos judeus” e não como o “filho de Deus”. Nesse momento, Jesus toma consciência de que havia sido usado por Deus durante toda sua vida para chegar até a morte na cruz, assim, como um cordeiro é conduzido à morte.

“Jesus morre, morre, e já o vai deixando a vida, quando de súbito o céu por cima da sua cabeça se abre de par em par e Deus aparece, vestido como estivera na barca, e sua voz ressoa por toda terra, dizendo, Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência. Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício, que sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio dos princípios...”<sup>213</sup>

---

<sup>212</sup> Id. Ibid., p. 374.

<sup>213</sup> Id. Ibid., p. 444.



Nesse trecho da obra, podemos perceber duas coisas importantes, a saber, a afirmação, por parte de Deus, da identidade de Jesus como filho muito amado de Deus e a consciência de Jesus a respeito do que implica essa filiação divina. Jesus compreende, no momento de sua morte, que ser filho de Deus é ter a vida usada e negada por Deus.

A relação de pai e filho entre Deus e Jesus não acontece. Deus nega a vida do filho, porque só pensa em si mesmo e na ampliação de sua influência. A filiação divina de Jesus é somente um artifício de Deus para que seu projeto possa se realizar. Jesus não é amado por Deus. Ele é usado, enganado e conduzido à morte por Deus.

#### **1.4.2.3. Missão, morte na cruz**

No episódio do diálogo na barca, Jesus fica sabendo de Deus que a sua missão é a de morrer na cruz como um mártir para que Deus possa ampliar os seus domínios para além do mundo judaico.

“...passarei de deus dos hebreus a deus dos que chamaremos católicos, à grega, E qual foi o papel que me destinaste no teu plano, O de mártir, meu filho, o de vítima, que é o que de melhor há para fazer espalhar uma crença e afervorar uma fé...E a minha morte será como, A um mártir convém-lhe uma morte dolorosa, e se possível infame, para que a atitude dos crentes se torne mais facilmente sensível, apaixonada, emotiva, Não estejas com rodeios, diz-me que morte será a minha, Dolorosa, infame, na cruz”<sup>214</sup>

Num outro trecho da narração, Deus revela para Jesus que ele, como filho de Deus, terá uma missão especial, a de servir a Deus em seu projeto expansionista.

“...Sim, meu filho, o homem é pau para toda colher, desde que nasce até que morre está sempre disposto a obedecer, mandam-no para ali, e ele vai, dizem-lhe que pare, e ele pára, ordenam-lhe que volte para trás, e ele recua, o homem, tanto na paz como na guerra, falando em termos gerais, é a melhor coisa que podia ter sucedido aos deuses, E o pau de que eu fui feito, sendo homem, para que colher vai servir, sendo teu filho, Serás a colher que eu mergulharei na humanidade para retirar cheia de homens que acreditarão no deus novo em que vou me tornar”<sup>215</sup>

<sup>214</sup> Id. Ibid., pp. 370-371.

<sup>215</sup> Id. Ibid., p. 372.

Como podemos observar, nos dois trechos da narração supracitados, a missão de Jesus é predeterminada por Deus e consiste na sua crucificação. Deus, pensando somente no aumento de sua influência, planeja a morte de Jesus e delega a ele a missão de morrer na cruz como filho de Deus. Dessa maneira, a morte do Jesus não é consequência do anúncio do reino de Deus, mas é sim uma realidade querida e predeterminada por Deus.

A morte de Jesus, no evangelho de Saramago, não é determinada pela missão de Jesus. É a sua missão que é determinada pela sua morte programada. Isso significa que é a partir da certeza da morte que a missão de Jesus é pensada. Isso está claro no episódio do diálogo na barca. Depois de saber que deverá morrer como filho de Deus é que Jesus pergunta a Deus o que deverá fazer para convencer as pessoas a respeito de sua filiação divina. Deus responde que Jesus deverá anunciar o arrependimento, realizar milagres, contar parábolas, utilizar exemplos morais e até, se precisar, torcer a lei<sup>216</sup>. Tudo isso aparece, portanto, como uma preparação para a cruz ou como um meio para se atingir o fim ambicionado por Deus. A morte de Jesus, assim poderíamos dizer, é o ápice da sua missão.

A missão de Jesus é um caminhar para a morte determinada por Deus. Aqui percebemos que Deus não se importa muito com a vida de Jesus. O que Deus quer é que ele morra como seu filho para seu plano poder acontecer. A relação entre Deus e Jesus, diante disso, é uma relação de negação da vida. Deus se apresenta como um juiz injusto que determina uma sentença de morte para Jesus, que se apresenta, por sua vez, como um inocente condenado à morte.

## Conclusão

Neste primeiro capítulo buscamos apresentar a relação estabelecida entre Jesus e Deus tal como é pensada por José Saramago em o ESJC. Procuramos destacar a tensão e o conflito dessa relação, pois Deus e Jesus nunca estão de acordo. A vontade de Deus é diferente e até oposta à vontade de Jesus. Deus impõe sua vontade a Jesus, negando-lhe sua liberdade e sua responsabilidade na tarefa de se auto-

---

<sup>216</sup> Cf. Id. Ibid., p.376.

construir como pessoa humana. No fundo, destacamos aquilo que José Saramago apresenta ao longo de seu romance, a saber, que a relação entre Deus e Jesus é uma relação degradante tanto para Deus, que se revela como um poder absoluto dominador-tirânico, como para o ser humano Jesus, que se revela dominado pelo poder de Deus.

De uma maneira mais precisa, neste capítulo apresentamos as seguintes idéias:

- O ESJC é uma obra que não tem pretensão alguma de ser um tratado teológico ou um estudo histórico sobre Jesus de Nazaré; é uma obra literária, ou seja, um romance que parodia ou satiriza, além d'algumas figuras bíblicas dos evangelhos canônicos, a relação estabelecida entre Jesus e Deus, tal como nos é apresentada pela revelação bíblico-cristã.
- O ESJC foi alvo de muitas críticas, mas nenhuma delas se apresenta como um estudo teológico sério e coerente.
- O ESJC apresenta uma visão muito peculiar tanto de Jesus como de Deus.
- O Jesus apresentado pelo romance é humano até na pecabilidade; é uma pessoa escolhida por Deus para ser o seu filho, por isso tem toda vida controlada por Deus até a morte na cruz; é um homem que busca contestar e se rebelar contra Deus, mas não consegue se libertar do seu poder opressor.
- No romance a imagem de Deus é construída como um mosaico; é construída a partir da visão que cada personagem apresenta de Deus, a partir dos comentários a respeito de Deus feitos pelo autor ao longo da narração, e, a partir, de Deus como personagem na história.
- A visão que predomina de Deus é a de que Deus é poder opressor que condiciona a existência humana suprimindo a liberdade.
- O personagem Deus é apresentado como o deus dos judeus que ambiciona ser tornar um deus universal. Sua preocupação maior é a ampliação de seu poder. É ambicioso, egoísta e déspota. Usa Jesus para alcançar seu propósito.
- A relação entre Deus e Jesus é uma relação desumana. Deus nega a liberdade de Jesus e também a sua vida. Jesus é escolhido por Deus para assumir uma missão, a missão de morrer na cruz, como seu filho. Jesus não é respeitado por Deus na sua vontade. Não existe diálogo entre os dois, mas somente imposição da parte de Deus.

Deus impõe uma missão a Jesus e, assim, vai manipulando-o até à morte na cruz. A história de Jesus não é construída por ele, mas por Deus. Jesus não é sujeito de sua vida, pois não pode decidir sobre ela. Jesus é um escravo da vontade de Deus. A relação é uma não-relação.